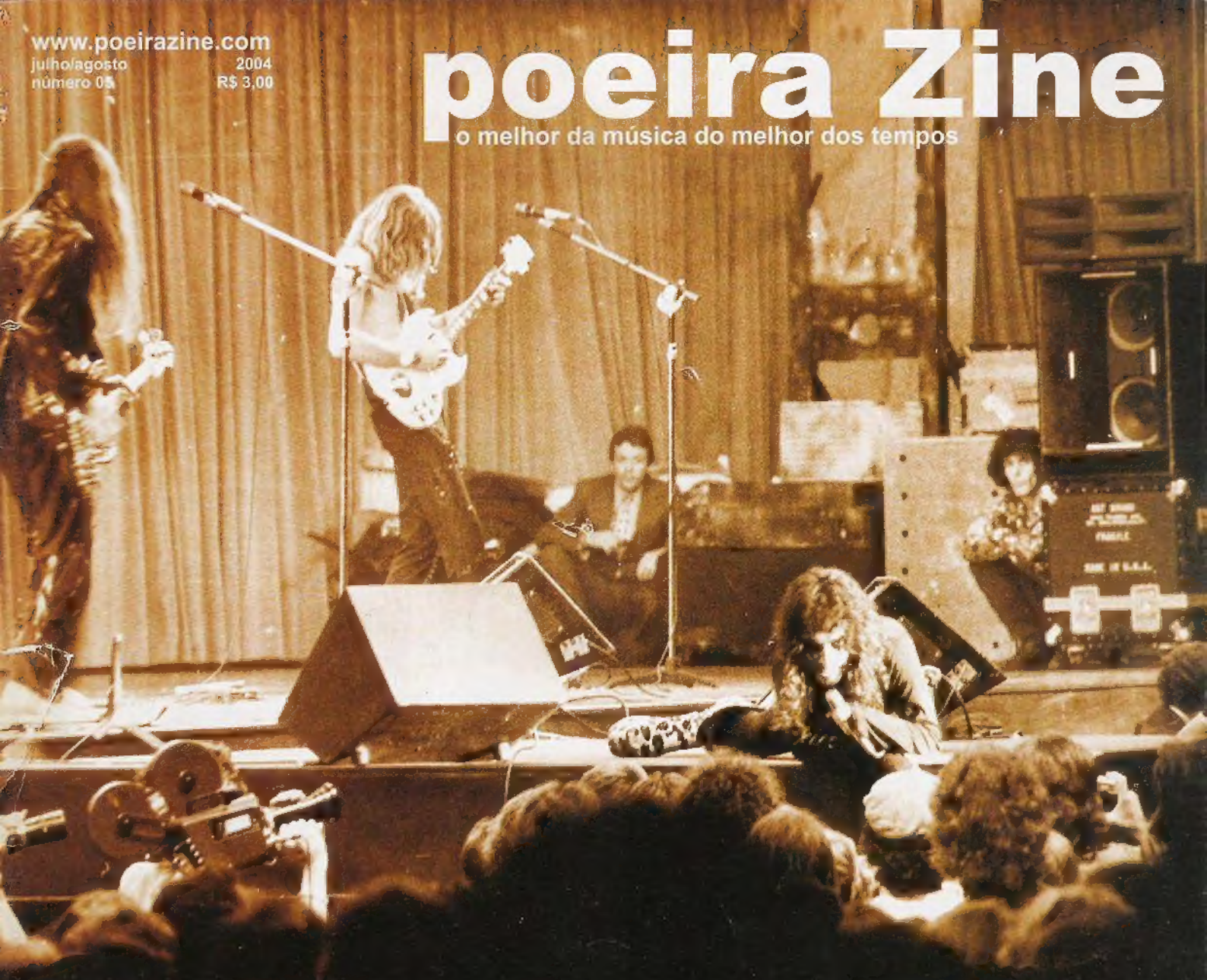
www.poeirazine.com
julho/agosto 2004
número 05 R$ 3,00

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos



Alice Cooper '74

Os 30 anos do primeiro grande show de rock no Brasil
Panorama completo da passagem do cantor pelo país
Entrevista exclusiva com Neal Smith
Depoimentos de quem esteve presente
Fotos inéditas do show

URIAH HEEP entrevista com Mick Box e Trevor Bolder

psicodelia nordestina dos anos 70 | patto | erudito versus progressivo | som nosso de cada dia

Exotic Wear, Music & Arts

tel: 3227-6332 / 3227-3013

Music & Arts
Todos Os Sons

CDs & DVDs

Compra - Venda - Troca

musicartscds@hotmail.com

Classic Rock - Progressivo - Jazz - MPB - Blues

fones: (11) 3283-2581

Av. Paulista, 1499 - loja 68 - Galeria Trianon - São Paulo - SP

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno-cd.kit.net

OLD TIME
BAR DO AMADEU
QUALITY
Vila Madalena
SOUR MASH
WHISKEY
100% Rock´n´Roll

Todos os dias música ao vivo com o melhor do Rock dos anos 70

Nos fins de semana de julho e agosto:

Marcelo Watanabe e Freak!

Rua Mourato Coelho, 1151 - Vila Madalena - São Paulo - SP - Tel: 3814-0671

Jardim Elétrico
CDs & LPs
www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

free note

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

ART ROCK

Classic Rock 70 - CD's - LP's

Novos e Semi-novos, Nacionais e Importados
Atendemos todo o Brasil - fone: (11) 3214-2555

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Galeria Nova Barão/Rua Alta - Loja 48
São Paulo - SP - Cep: 01042-001 e-mail: artrockcds@hotmail.com

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br

Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard

Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as

LP's & CD's - Compra & Venda
Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio
80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's

Compra - Venda - Troca
Novos e Usados

Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753

Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 07 - São Paulo - SP

www.sensorialdiscos.com.br

11 3333*1914

.SENSORIALDISCOS.

APFEL
www.apfel.com.br

Restaurante Vegetariano

Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

SEBO JOVEM GUARDA

A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio

Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

VENTANIA

www.ventania.com.br

COMPRA e VENDA

LP's - CD's - DVD's
Livros e Revistas

Rua 24 de Maio, 188
1ª sobreloja - Conjuntos 113/115/117
São Paulo - SP
Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 223-6734

PROG IN CONCERT

WWW.PROGINCONCERT.KIT.NET

Yessongs
Genesis Live
Pink Floyd Cover
Jethro Tull Cover
The Central Scrutinizer Band
Steve Morse Cover
Dream Theather Cover
Marillion Cover
Rush Project

Acompanhe em nosso site a programação dos shows das melhores bandas de rock progressivo de São Paulo.

Roberta Kieffer e os Alquimistas

O resgate da magia do bom e velho Rock N' Roll

www.robertakieffer.com
robertakieffer@bol.com.br
(11) 8242-1733 / 8233-1217 / 5587-1059

Sonhos de um novo antigo Rock N' Roll

Flores do Fogo

www.floresdofogo.com
floresdofogo@hotmail.com
(11) 8242-1733 / 8233-1217 / 5587-1059

Riva Rock Discos

Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade
Grande acervo de Cd´s, Lp's, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc...
ROCK EM GERAL, TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)
VENHA CONFERIR SUA PRESENÇA É NOSSA GARANTIA

www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1498 CENTRO F:19 32374945
CAMPINAS - SÃO PAULO - BRASIL

poeira Blog

o Blog dos leitores da poeira Zine

www.poeirazine.blogger.com.br

Sempre uma nova polêmica!

poeira Zine

Registros históricos, bate papo e muito som do bom...

Nós que gostamos de vasculhar e garimpar artigos relacionados à música de antigamente temos em comum a busca pelo prazer de achar o disco que procurávamos há tempos, por exemplo. Uns buscam músicas perdidas, outros, grupos amadores, revistas, fotos, artigos e isso tudo, com certeza, faz parte do dia a dia de quem curte música.

Eu, como editor da poeira Zine, sempre tive como meta buscar e trazer à tona fatos marcantes da nossa evolução musical. Esse trabalho, digamos, arqueológico, é um tanto prazeroso, se é que vocês me entendem...

Sempre tive uma curiosidade imensa em saber mais sobre o primeiro show de Rock que aportou no nosso Brasil, o show de Alice Cooper, em 1974. Nunca tinha visto sequer uma foto daqueles shows e encarei o desafio! Não foi fácil. Uma pesquisa de três meses que está aqui, finalmente registrada em papel. Impressa para nunca mais se perder por aí ou se apagar da memória. Momento histórico da nossa cena roqueira que precisava ser abordado com urgência! Para minha surpresa e alegria acabei batendo altos papos com Neal Smith, o baterista da banda de Alice daqueles tempos, que lembra da passagem pelo Brasil com detalhes pra lá de interessantes. Outro papo agradável foi com o Pedrão Baldanza, ex- Som Nosso de Cada Dia, grupo que abriu aqueles shows do Alice em São Paulo e no Rio.

Fotos inéditas do show foram gentilmente cedidas pela fotógrafa Grace Lagoa (uma delas é exatamente essa da capa), que fiquei conhecendo através "do" baterista Rolando Castello Júnior, que nessa edição dá uma geral no show de Alice em Sampa e também na bateria que Neal Smith usou, ou seja, as duas feras dos tambores frente a frente na poeira. Para completar, vários depoimentos hilários e emocionantes de gente como Paulo Zinner, Leopoldo Rey, Vitão Bonesso, Valdir Montanari, Kid Vinil, Antônio Carlos Monteiro, etc.

Outro marco para a poeira Zine foi trazer sua primeira entrevista internacional, e, de cara, com Mick Box e Trevor Bolder, do Uriah Heep, que contam detalhes sobre sua tour pelo Brasil e sobre a longa e inesquecível carreira da banda.

No quadro de colaboradores, Jeferson Araújo Pereira traça um paralelo da música Erudita com o Rock Progressivo, Rodrigo Piza passa a limpo a Psicodelia Nordestina dos anos 70 e Marcos A. Cruz entrevista o Bando do Velho Jack.

Não tenho como encerrar esse editorial sem antes agradecer a vocês leitores que se identificam com esse estilo de música, imortal, que pinta aqui na poeira! Muito obrigado pela força de todos vocês! Um agradecimento especial também a todos que colaboraram nessa edição e aos patrocinadores da poeira Zine!

Ah! E não esqueçam de dar uma olhadinha no site da poeira que já está no ar no endereço www.poeirazine.com

Bento Araújo

poeira Zine número 05 - ano II - julho/agosto 2004

07 Alice Cooper no Brasil, 1974

18 entrevista com Pedrão Baldanza

20 Mick Box e Trevor Bolder - entrevista

27 Música Erudita e Rock Progressivo

28 entrevista com o Bando do Velho Jack

29 psicodelia Nordestina dos anos 70

Seções:

06 Have a Nice Day

24 Pérola Escondida - Patto

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor chefe da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação... Além de tudo isso o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas... O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...
(nada que uns bons dólares não possam resolver...)

Jornalista Responsável : Bento Araújo Mtb 38344

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas. As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line: www.poeirazine.com
E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947
Caixa Postal 12089 - CEP 02013-970 - São Paulo - SP - Brasil
Blog de leitores da poeira: www.poeirazine.blogger.com.br

Foto da capa: Grace Lagoa (Alice Cooper no Palácio das Convenções do Anhembi em São Paulo, 01/04/1974)
Capa e contra-capa: Carol Penna e Bento Araújo

Colaboraram nesta edição:
Antônio Carlos Monteiro, Jeferson Araújo Pereira, Marcos A. Cruz, Rodrigo Piza, Rodrigo Werneck, Rolando Castello Júnior e Vitão Bonesso.

Revisão de textos: Patrícia Grillo
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna
Fotos: Divulgação (quando não creditada ao autor da mesma)

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Vô Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira, pela competência, esforço e paciência), Patrícia Grillo, Antônio Carlos Monteiro, Jeferson Araújo Pereira, Marcos A. Cruz, Rodrigo Piza, Rolando Castello Júnior, Vitão Bonesso, Rodrigo Werneck, Grace Lagoa, Mick Box, Trevor Bolder, Paulo Zinner, Pedrão Baldanza, Ricardo Corte Real, Leopoldo Rey, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério, Víctor Page, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº1 do blues), Menino Wilson, Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, João Paulo Andrade, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson e Zé, João Flowers, Ernando, Jorge, Amadeu, Marcelo Watanabe, Waldir Montanari, Dr. Rock, Marco FN, Fernando PL, Alcides, Jorge "Rocker", Orlando, Márcio, Júlio, Renatão Kiss, Walter, Lito, Cahuê, Neigmar, Miriam Martinez, Nélson e Vânia (Peruíbe), Edinei, Roberta Kieffer, Riva de Campinas, Carlos Sensorial, Eduardo Donato, Jorge Machado, TV Assembléia, Fabian Chacur, Adalto Alves, Mick, Carlos, Fábio Massari, Kid Vinil, Oscar Marinero, Galera de Curitiba, Mike Patto e Ollie Halsall, Wanderley (CCV), Delta de Campinas, Bando, Zé da Chave.

NORMAN GREENBAUM

Spirit In The Sky - março de 1970

O Dr. West Medicine Show And Junk Band era um combo psicodélico de Boston, que em 1966 lançou um compacto com o singelo nome de *The Eggplant That Ate Chicago*. O disquinho até que foi razoável e chegou ao 52º posto da Billboard.

Como a banda não saia daquilo, o líder desse grupo, um tal de Norman Greenbaum, pegou a grana dos "royalties" da canção e se mandou para Los Angeles, onde junto da sua esposa, comprou uma pequena fazenda e passou a criar galinhas, bodes e porcos.

Quando tudo passou a ficar entediante demais, Greenbaum se uniu ao produtor Erik Jacobsen (que já havia trabalhado com o Lovin' Spoonful e com o Sopwith Camel) para tentar cunhar um novo hit para as paradas.

Greenbaum queria porque queria emplacar um hit gospel, bem ao estilo daqueles pregadores da TV norte-americana. Resolveu que para dar um clima especial à canção, uma guitarra distorcida fazendo um boogie bem "sulista" seria o ideal. Se tivesse umas backing vocals então, melhor ainda...

Não deu outra. Greenbaum foi até uma igreja em Oakland, onde descolou um trio vocal feminino, The Stovall Sisters. Com Jacobsen nos botões, mais o guitarrista do Sopwith Camel, Bill Sievers, e as Stovall Sisters, Greenbaum entra num estúdio e grava seu primeiro disco solo no final de 1969. Uma faixa daquele álbum, "Spirit In The Sky" (que era também o nome do álbum), é lançada como compacto e vai direto para o topo da parada inglesa. Na América, o terceiro posto é de Greenbaum e ninguém discute. Foi o compacto mais vendido da Warner até então, o que lhe rendeu até uma tour como "openning act" do Moody Blues.

Com um único grande hit em sua trajetória, Greenbaum chegou a declarar que "Spirit In the Sky" destruiu sua carreira, já que, depois dela, todos queriam outra "Spirit In the Sky".

Sem o mesmo impacto, saem ainda os singles "Canned Ham", em 1970, e "California Earthquake", em 1971. Além de um disco completo em 1972 chamado *Petaluma*.

Com as vendas decaindo vertiginosamente Greenbaum se mandou para sua fazenda, onde está recluso já há muitos anos, se recusando a falar sobre aquele seu monstruoso e meteórico hit de 1970. A música é constantemente regravada e também usada em filmes e comerciais pela América, o que possibilita a Greenbaum viver só de direitos autorais pelo seu único hit. Porém, as últimas notícias não eram nada boas e diziam que a saúde de Mr. Greenbaum não ia nada bem...

Onde achar: Spirit In The Sky:
The Best Of Norman Greenbaum (Repertoire - 2001)

SUGARLOAF

Green Eyed Lady - outubro de 1970

Uma banda do Colorado chamada Moonrakers deixou somente um registro datado de 1968. No ano seguinte eles mudam o nome para Chocolate Hair e a formação consistia em Jerry Corbetta (V, T), Bob Webber (G), Bob Raymond (Bx), Bob MacVittie (Bt). Não demora para pintar um contrato com a Liberty, que faz de cara uma exigência: que o nome da banda seja mudado. A gravadora achava que o nome Chocolate Hair poderia soar ofensivo naqueles tempos de violentos conflitos raciais pela América.

Ao contrário do que muitos pensam, o "novo" nome Sugarloaf (pão de açúcar em português), foi adotado em homenagem à uma famosa montanha do Colorado, estado natal dos garotos, e não uma homenagem ao "nosso" pão de açúcar.

Com esse novo nome lançam a estréia em 1970, com um disco chamado simplesmente *Sugarloaf*. O destaque era uma música chamada "Green Eyed Lady", que se tornou um grande sucesso não só na América, mas em outras freguesias também. Até por aqui a música emplacou e muitas bandas brasileiras da época chegaram a colocar aquela "dama de olhos verdes" em seu repertório.

A inspiração para "Green Eyed Lady" veio de um exercício que Corbetta costumava fazer no órgão para aquecer os dedos. Bastou Raymond encaixar aquele baixo pulsante para a música se tornar um clássico nas rádios de diversos países.

Em 1971 o grupo lançou o segundo disco, *Spaceship Earth*, que contava com um ex-integrante da banda Beast: Bob Yeazel na guitarra. O disco apesar da boa qualidade não conseguiu emplacar outro hit com o impacto de "Green Eyed Lady", o que frustrava bastante os rapazes.

Somente em 1975, com a música "Don't Call Us, We'll Call You", extraída do quarto e último disco deles, a banda voltou as paradas de sucesso nos EUA. Corbetta ainda lançou um disco solo pela Warner, mas com a baixa repercussão obtida foi trabalhar com Frankie Vallie e seus Four Seasons, compondo e produzindo como músico contratado.

Onde achar: Sugarloaf/Spaceship Earth
CD 2 em 1 (Collectables USA/1998)

VOICEPRINT

www.voiceprint.com.br

Visite este site e veja o que está fazendo a diferença na música da Inglaterra.

Todos os meses, lançamentos imperdíveis!

tel / fax: (11) 5533 5908
São Paulo, Brasil

VOICEPRINT
GROUP OF COMPANIES

Barraca do Diaz LP's

Raridades do mundo da música

Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.

Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

ALICE COOPER: BRASIL TOUR 1974

Se tem um momento que sempre me despertou curiosidade na lendária e sofrida trajetória do Rock em nosso Brasil, esse momento foi o compreendido pelos shows realizados por Alice Cooper em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1974.

Foi o primeiro grande show internacional de Rock na América do Sul e curiosamente jamais vi qualquer foto do evento.

Parece que todos os meios da mídia esqueceram, ou fazem questão de esquecer esse período histórico para a nossa cena musical.

O jeito foi encarar o desafio de frente e partir para uma pesquisa minuciosa, muito agradável de se fazer, por sinal. Arquivos de bancos de dados dos maiores jornais de São Paulo e do Rio, revistas da época, bibliotecas, acervos de emissoras de TV e também de micro-filmes foram exaustivamente eonsultados durante um período de três meses. Ligações para músicos, fotógrafos, jornalistas e roqueiros que viveram a época, tentando colher algum depoimento de quem lá esteve presente. Um simples "eu estava lá" seria satisfatório? Não. Eu queria muito mais...

Aqui está um panorama daquela "tour" de Alice Cooper pelo Brasil em 1974. Exatos 30 anos se passaram, e é com muito prazer que a poeira Zine traz estas sensacionais lembranças à tona. Quem esteve lá vai poder recordar e quem não esteve terá a chance de, pela primeira vez, ficar por dentro desse momento importantíssimo para o desenvolvimento do cenário musical brasileiro.

Uma geral da época difícil

O Brasil de 1974 era muito diferente do Brasil de hoje em dia?

Completamente.

Na virada do mês de março para abril daquele ano completavam-se 10 anos do golpe militar ocorrido em 1964. Mais outros duros 10 anos ainda estavam por vir...

Época de ditadura militar, tortura física e intelectual, censura, escândalos, inflação e repressão.

A crise do Petróleo de 1973 abalava todo o globo, e as "águas de março", especialmente daquele março, foram de uma violência ímpar. Na cidade de Tubarão, em Santa Catarina, mais de 1000 pessoas morreram em conseqüência das enchentes, sendo decretado estado de calamidade pública em várias cidades, com os estados do Paraná e Santa Catarina entre os mais afetados.

Apesar de tantos fatores negativos, essa época marcou o início de uma explosão de Rock pelo Brasil.

No ano anterior, com o fenômeno dos Secos & Molhados, as gravadoras estavam animadas com o estilo que atraía muitos jovens e até mesmo crianças. O Rock começava a se popularizar, e até algumas publicações dedicadas ao gênero começaram a pipocar aqui e ali... O estilo passava também a ser fundido com raízes brasileiras, com os Novos Baianos, Sá Rodrix e Guarabira e o pessoal malucão do Nordeste (ver matéria nessa edição), o que garantia ainda mais público para o movimento.

Com a virada para o ano de 1974, uma certeza perambulava pela cabeça da moçada: "Está faltando um grande show de Rock no Brasil!"

O novo herói do Rock Mundial

Alice Cooper virou a década de 60 para 70 com dois discos incompreendidos e que venderam pouco (*Pretties For You* e *Easy Action*). Em 1971, a guinada se deu com o álbum *Love It To Death*. Graças ao hit "I'm Eigthteen", Alice era o novo herói da moçada pela América. No mesmo ano veio o fulminante *Killer*, talvez seu melhor e mais honesto registro. No ano seguinte (1972), uma ode contra as instituições de ensino: *School's Out*. Quer coisa mais linda do que isso? Todas as gerações seguintes estavam também conquistadas, afinal de contas, qual o garoto que gosta de escola?

Mais sucesso mundo afora, já que *School's Out* rendeu uma bela projeção internacional ao cantor. Em 1973, Alice lança *Billion Dollar Babies*, seu disco mais famoso. O álbum vendeu horrores e emplacou vários hits, como a faixa título, "Elected", "No More Mr. Nice Guy" e "Hello Hooray". O FBI cai matando e começa a vigiar minuciosamente todos os passos de Alice e seu bando. Também pudera! As letras de Alice eram aberrantes, um enaltecimento à violência como ninguém tinha ousado antes.

O LP *Billion Dollar Babies* original vinha com uma nota falsa de dólar como brinde (o que era considerado crime pelo FBI) e no final dos shows daquela tour, Alice e sua banda espancavam um sujeito com a máscara do presidente Richard Nixon debaixo do hino norte-americano! Um abuso em forma de Rock N' Roll!

Com muita grana, bebedeira, más companhias, drogas e tudo mais (coisas que só a fama pode oferecer), Alice entra em crise com sua banda de apoio (chamada de Alice Cooper Group e depois batizada como Billion Dollar Babies). Brigas e discussões eram constantes no estúdio e até nos palcos. O problema é que a toda-poderosa gravadora de Alice, a Warner Bros, exigia mais um disco de estúdio, de preferência que alcançasse as vendas do disco anterior, e que emplacasse também vários hits de sucesso.

No "calor da batalha", ou melhor, no meio das "tretas" internas, Alice e seu grupo soltam *Muscle Of Love* em 15 de novembro de 1973, por coincidência, a data em que comemoramos a proclamação da nossa República. Mal sabia Alice que muito em breve ele estaria proclamando a nossa "República Roqueira", sendo o primeiro astro do estilo a pisar num palco em nossas Terras (o pessoal dos Stones, Janis Joplin e muitos outros vinham direto para o Brasil só para curtir as praias, mas quando o assunto era música, todos fugiam).

Quem foi o corajoso?

Quem trouxe Alice Cooper para o Brasil foi o empresário argentino Marcos Lázaro. O cara era uma figura assustadora, dono de um porte avantajado e enorme, sempre fumando um charuto cubano, típico empresário de Rock-Stars mesmo. Era poderoso também no ramo da MPB, onde empresariava muita gente famosa como a Elis Regina. Foi ele também quem levou os Mutantes para aquela tour histórica em Paris, em 1970.

O empresário acreditava na ascendente cena Rock brasileira e bancou um cachê de U$100.000 para Alice Cooper se apresentar por aqui. Essa grana na época deu a astronômica quantia de CR$ 650.000,00.

Além de Marcos Lázaro, dois empresários norte-americanos foram cruciais para a tour de Alice pelo Brasil realmente acontecer: Peter Shanaberg e Joe Lambusta, proprietários da L&S Productions, que era uma empresa que agenciava shows e tinha sede na Flórida.

Peter declarou na revista Circus americana que havia lido em algum lugar que o Candomblé era muito forte e popular no Brasil, e apostou que a imagem macabra de Alice iria atrair multidões aos seus shows, já que o identificariam como um mestre de cerimônias da magia negra! Um macumbeiro de respeito! (Olha a viagem do gringo!). Ele ainda continuou: "Alice Cooper é o segundo maior astro do Rock na América do Sul, ficando somente atrás dos Rolling Stones! E os brasileiros o chamam de"Demônio com a cobra", ficou claro o Alice vir a ser minha primeira escolha, pois causará muito mais furor que os Stones!"

Com a confirmação da tour por aqui e o interesse cada vez maior de Marcos Lázaro, Alice se ligou que seria tratado como uma majestade e não economizou nas exigências para sua "Tour Tupiniquim".

Sua comitiva era de 40 pessoas e compreendia além dos músicos: roadies, esposas, namoradas, publicitários da turnê, promotores, agentes e empresários pessoais (o de Alice era o Shep Gordon). Exigiu hotel cinco estrelas para todos, 3 limousines Rolls Royce com motoristas que dominassem a língua inglesa, um ônibus para a comitiva se locomover por aqui e duas caminhonetes sem motorista que seriam dirigidas pelos integrantes da banda. Na parte "combustível", 8 engradados de cerveja importada (Budweiser) por dia ao seu lado (onde quer que estivesse), muitas frutas, galões de suco de laranja e maçã, duas garrafas de Whisky importado por dia na cabeceira de sua cama e, ainda na bagagem, 7 toneladas de equipamentos. Alice exigiu também a presença de sete (!) guarda-costas.

Vitão Bonesso

Eu tinha 13 anos e comecei a ouvir Alice Cooper em fevereiro de 1974. Acredito que foi o primeiro artista que eu me interessei sem nenhuma influência de primos, amigos, etc. Fui numa loja em São Caetano (Chaparral) e comprei o recém lançado *Muscle Of Love*.

Já conhecia alguma coisa da titia por intermédio da Difusora FM e da Excelcior (A Máquina do Som). A Globo, por ser a última emissora e que mais tarde se tornaria Rádio Globo, exibia algumas propagandas e uma delas era a de Alice Cooper saltando de uma limousine acompanhado de alguns chipanzés. Ao fundo, "Elected".

Bem, quanto à vinda dele ao Brasil foi um marco, afinal, foi a primeira vez que uma atração denominada rock pesado vinha ao Brasil e havia muita expectativa em torno disso. Apesar dos meus treze anos fui ao show em abril convidado por um primo meu que tinha oito anos a mais e que providenciou os ingressos.

Fiquei pasmo, afinal, nunca havia passado por uma experiência daquelas e até aquela data a única banda que eu havia visto ao vivo tinha sido Os Incríveis.

A mídia deu uma atenção fulminante à vinda de Alice Cooper. O Jornal Hoje e mesmo o Jornal Nacional mostravam os passos de Alice e banda pelo Brasil com maior destaque a São Paulo. Me lembro que eles ficaram hospedados num hotel na Av. Ipiranga que contou com o plantão de fanáticos, além de curiosos querendo saber quem é que arremessava várias latas de cerveja pela janela. Isso mesmo, nós já tínhamos a cerveja em lata (Skol), só que a mesma era fabricada em outro material bem mais pesado que o alumínio fino de hoje e uma "latada" daquelas na cabeça poderia render um talho e tanto.

De 10 e 10 minutos lá vinha outra lata, e mesmo sem saber quem a havia tomado, existia uma certa batalha entre os fãs em levar pra casa tal souvenir.

Me lembro também da coletiva, mostrada pelo Jornal Hoje, onde confusão e perguntas estúpidas se misturavam. Alice ganhou um berimbau e chegou a falar alguma coisa na ingenuidade sobre o instrumento, achando que aquilo fosse algum microfone primitivo brasileiro.

O local do show seria o Pavilhão de Exposições do Anhembi. Lá mesmo, onde são realizadas feiras, etc. Uma péssima escolha, já que nesse local não existe acústica nenhuma, além do que aquela seria a primeira apresentação musical no local.

Às 4 da tarde já havia uma aglomeração de pelo menos umas cinco mil pessoas defronte a um

Na foto histórica: Alice Cooper, Vitão Bonesso e Michael Bruce, no Edinburg Play House, Escócia, 21/05/2001

Popularidade brazuca

Antes mesmo da chegada, Alice Cooper já era figura constante na nossa sempre capenga mídia local. Nos jornais, suas exigências de camarim eram motivo de espanto, e sua figura grotesca assustava somente as donas de casa e os seus maridões caretas. A moçada adorava o visual extravagante de Alice e se identificava com o "Rei do Rock Bi-Sexual", termo que a imprensa local usava para discriminá-lo.

Meses antes, todo mundo só falava do show. A Folha de São Paulo até lançou uma página inteira dedicada ao Rock (que saía toda segunda feira), usada muitas vezes para publicar as peripécias e histórias de Alice Cooper. Quem cuidava da seção era o saudoso Carlinhos Gouvêa, que depois também trabalharia na revista Geração Pop (depois só "Pop"). A Folha ainda ampliaria o espaço para o Rock publicando uma coluna diária sobre o estilo.

Já no "careta" O Estado de São Paulo, o cantor e muito menos o Rock, não tinham espaço. Carlinhos "Pop" Gouvêa acompanhou de perto os sete dias que Alice e sua trupe passaram pelo país, e foi responsável também por uma revista especial sobre Alice Cooper, lançada para promover sua tour brasileira e que foi vendida nas bancas e na porta dos shows (pena que o jornalista não está mais entre nós para dar seu depoimento sobre a época).

Os discos de Alice vendiam super bem por essas bandas. O álbum *Billion Dollar Babies*, lançado no ano anterior, virou "mania nacional", o que também impulsionou a gravadora Continental a soltar rapidamente em janeiro de 1974 o "lançamento" do cantor – *Muscle Of Love*. Estava instalada no país a "Alicemoda" ou "Alicemania", como os jornalistas da época batizaram a onda de fanatismo que Alice Cooper causou no Brasil.

Outro detalhe interessante é que essa tour do *Muscle of Love*, que Alice vinha promovendo pela América, era batizada de "Billion Dollar Babies Holyday Tour". Ela aportou por aqui com esse mesmo nome e é por isso que muita gente ainda se confunde e insiste em afirmar erroneamente que o cantor veio para promover o disco *Billion Dollar Babies*.

Uma história que aconteceu e é bem curiosa: na Folha de São Paulo de 25/03/74, uma segunda-feira, uma manchete saltava aos olhos do pessoal ligado em Rock – DAVID BOWIE SÁBADO NO ANHEMBI. Neste suposto sábado em que a Folha confirmou o show de Bowie, iria ocorrer, na verdade, o primeiro show de Alice Cooper no Anhembi, dia 30/03/74 ! Ficaram espantados? Imaginem vocês como EU fiquei quando achei esse jornal da época! Surreal! Não posso afirmar o que realmente rolou. Uma gafe histórica da Folha? Uma substituição artística de última hora? "Não tem tu, vai tu mesmo"? Ou uma estratégia de Marketing? Vai saber...

> "Alice Cooper não é sinônimo de cultura. Nunca foi. Mas apresentou algo inédito entre nós. É o anti-ídolo. Aquele que diz que sempre esteve de bem com a vida, nunca passou fome, gosta de beber ■ de fumar. Declara que adora gastar o dinheiro facilmente com as mulheres. Fala tudo o que um Roberto Carlos nunca falaria!"
>
> Carlos A.Gouvêa
> Folha de São Paulo 08/04/1974

Alice e suas famosas botas estilo "chacrete", de peles de Leopardo. A Rita Cadilac morreu de inveja! À esquerda, o anúncio publicitário do show de 1974.

portão que não suportava a passagem de quatro pessoas ao mesmo tempo. Foi ali que eu empaquei. Fiquei literalmente prensado nas grades do portão!

Me postei no meio da galera. Não existiam cadeiras nem arquibancadas, era tudo no mesmo nível em cima de um cimento gelado.

As luzes se apagam e Manito e o Som Nosso De Cada Dia fazem a abertura do show. Não dava para entender absolutamente nada. Som embolado, sem contar com a indiferença de muitos, que queriam mesmo era ver Alice Cooper.

Até a entrada de Alice e o Billion Dollar Babies no palco se passaram mais um bom tempo. Até que as luzes se apagam e lá vem ele com "Hello Horray"!. Gigantescas bolas de látex (com talco dentro) são lançadas na platéia. Quando essas bolas explodiam, provocavam uma fumaceira de talco.

Logo na segunda música, acontece uma invasão ao palco e a banda se retira rapidamente.

Alguns minutos depois o show é reiniciado sendo que a confusão defronte ao palco continuava. A qualquer momento uma nova invasão poderia acontecer e Alice teve que abandonar por alguns momentos o lado andrógino e debochado para tentar acalmar o público. A banda também perdeu o pique, com os integrantes se mostrando um tanto preocupados com o que poderia virar aquilo.

Não me recordo ao certo quanto tempo durou o show, mas foi praticamente impossível reconhecer alguma música ali apresentada, era uma embolação só, sem contar o caos que reinava na platéia com pessoas passando mal, sendo pisoteadas, entre outras ocorrências que fizeram os policiais (não existia um posto médico preparado para aquilo), terem um serviço extra.

O público deixou o Anhembi de forma tranqüila, mas a opinião era unânime, um show caótico e sem nenhuma organização.

Anos mais tarde, entrevistei Alice Cooper em duas oportunidades. A primeira em 1995 na segunda edição do Monsters of Rock, onde fiz algumas perguntas a respeito daqueles dias de abril de 1974.

Vitão: *O que você lembra daqueles momentos?*
Alice: Até o dia dos shows tudo foi divertido, fomos muito bem tratados, apesar da inexperiência da produção do Brasil.
Vitão: *O que você pensou na hora em que uma multidão começou a invadir o palco?*
Alice: Pensei em sair dali o quanto antes... Nunca havia passado por uma situação daquelas. O palco era baixo e percebi que não existia uma segurança eficaz para deter os fãs. Pensamos em parar o show, mas achamos que uma paralização poderia provocar mais problemas, então resolvemos continuar em frente ...

Outro encontro se deu em maio de 2001 em Edinburgo na Escócia na tour do álbum *Brutal Planet*. Fui gentilmente convidado a jantar nos camarins de Alice logo após sua apresentação. Com ele estava Michael Bruce, que estava no Reino Unido divulgando o lançamento de seu livro de memórias. Sobre a apresentação em São Paulo, Bruce disse que foi, talvez, a experiência mais bizarra que ele teve em toda a vida.

A chegada de Alice no país das maravilhas

Um dos shows de Alice aqui em São Paulo estava marcado para dia primeiro de abril, o famoso dia da mentira! Custava mesmo a acreditar que era verdade e só quando o avião que trazia Alice e sua trupe pousou com uma hora de atraso no Aeroporto de Viracopos (na cidade de Campinas) bem na metade do dia 28 de março de 1974, foi que o pessoal acreditou. Na mesma hora os músicos partiram de táxi aéreo para São Paulo, onde desembarcaram no Aeroporto de Congonhas. Amparados por um forte esquema de segurança, o pessoal chegou bem à vontade, exibindo latas de cerveja na mão e um sorrisão no rosto.

Um amontoado de fãs esperavam pelo cantor no Aeroporto e foi muito engraçado, pois a molecada fez o maior barulho quando viu o astro! Naquele mesmo instante, coincidentemente, os Senadores Petrônio Portella e Carvalho Pinto, mais o deputado Faria Lima e Chefe da Casa Civil do governo paulista, Henri Aidar, estavam se preparando para embarcarem para Brasília! Os "engravatados" não se conformavam com aquela bagunça toda causada com a chegada do cantor. Ficaram extremamente contrariados com a presença da garotada barulhenta que agitava o Aeroporto desde as primeiras horas daquele dia.

Como o empresário Marcos Lázaro não conseguiu arrumar as Limosines, o jeito foi colocar um Galaxy vermelho à disposição de Alice Cooper, que partiu rapidamente para o hotel (algumas fontes relatam o Hilton, outras o San Raphael). Foram ocupadas três suítes presidenciais e mais 13 apartamentos para acomodar toda a sua equipe.

Já na sua suíte Alice tirou a camisa, sentindo que o "calor brasileiro" era especial. Pediu um coquetel de camarão e começou a perguntar sobre a cidade de São Paulo a alguns dos poucos jornalistas presentes. Ficou espantado ao saber o tamanho da população e exclamou: "Isso aqui é bem maior do que New York!".

Logo depois, Alice apostou 12 mil dólares com seu empresário Pete Shanaberg num jogo de gamão. Perdeu a partida e resolveu tirar um cochilo, pois estava cansado da viagem. Exigiu dos assessores a piscina do hotel para um refrescante banho após a "soneca" e também comentou que adoraria tomar um "bronze" com o escaldante sol que brilhava naquela tarde. Fãs já começavam a se aglomerar na entrada do hotel.

Alguns ficavam com seus violões, tocando uma composição própria bem na porta do hotel torcendo para que Alice viesse cantar com eles. Outros traziam fitas K-7 e queriam entregá-las a Alice. O motivo? Queriam que o cantor gravasse alguma de suas composições (os tempos eram outros mesmo não?).

Ainda deixou bem claro que levaria várias caixas da cerveja brasileira com ele quando voltasse para os EUA e disse que bebia 24 garrafas de cerveja por dia, sem esforço. Uma jornalista brasileira o comparou aos Secos & Molhados e levou uma vaia dos companheiros de ofício. Os gringos ficaram sem entender nada do que estava acontecendo...

O cantor ainda tirou uma com a nossa cara falando que no mundo inteiro os hotéis por onde ele se hospedava ficavam repletos de garotas querendo conhecê-lo, mas aqui em São Paulo somente garotos, "desocupados" e o "pessoal de escritório" o assediavam pelas ruas. Um dos promotores de Alice, chamado Ashley Pandel, também criticou bastante a falta de liberdade que o artista estava encontrando para passear pela cidade, ao contrário de sua esposa Cindy Long, que fazia compras naquele exato momento.

A saída do cantor do restaurante foi ainda mais tumultuada do que a chegada. A polícia desceu a mão em alguns jovens e ainda utilizou-se de bombas de gás lacrimogêneo para dispersar os fãs do astro, que saiu em disparada num carro "tático móvel" da polícia, em direção ao hotel.

A Censura tinha que dar o "Ar de sua Graça"

Mas é lógico que algo do tipo iria acontecer. Um Show particular e "secreto" de Alice Cooper teve que ser apresentado para agentes militares antes dos "shows oficiais". Essa apresentação, na verdade, foi realizada no mesmo palco do Centro de Exposições do Anhembi, na noite anterior ao espetáculo aberto para o público.

Temendo a reação da massa diante das atitudes provocativas do astro norte-americano, nosso então rígido regime ditatorial exigiu que Alice apresentasse nesse "espetáculo secreto" exatamente o mesmo show que faria nas cinco datas oficiais da sua tour tupiniquim.

Acabaram não achando nada de excepcional e só "tesouraram" a parte em que Alice limpava o seu próprio traseiro com notas de dólar durante a música "Billion Dollar Babies". O encerramento do show, onde o cantor empunhava a bandeira norte-americana e a brasileira também foi limado. Na opinião dos caretas agentes da censura, Alice Cooper não era decente o suficiente para erguer nossa bandeira na frente de milhares de jovens. Um mau exemplo desse não poderia ser admitido pelos nossos "exemplares" comandantes.

A tumultuada coletiva para a imprensa

No dia seguinte a sua chegada, uma entrevista coletiva foi agendada com Alice e sua banda no restaurante "Porta do Carmo", que ficava na Rua 7 de Abril, bem no centro de São Paulo.

Mais de 500 fãs se aglomeraram na entrada do restaurante, o que causou um enorme congestionamento na região.

O cantor chegou e precisou da ajuda da polícia para adentrar no local. A polícia abriu um "cordão" no meio da multidão para Alice passar e todos queriam tocá-lo, uma loucura!

A coletiva foi, no mínimo, uma bagunça! Todo mundo falando ao mesmo tempo! Alice apesar de ter reclamado da falta de "som" no restaurante para rolar seus LP's enquanto cedia a entrevista, acabou encarando tudo com bom humor e respondeu a todos numa boa, apesar da aparência um pouco "assustada".

Declarou que a cobra que usaria nos seus espetáculos por aqui era uma jibóia brasileira, já que a alfândega havia barrado a entrada de sua cobra de estimação e que estranhava o fato de todos por aqui se espantarem com o animal, já que pensava que cobras fossem algo corriqueiro no dia-a-dia dos brasileiros! Se auto-denominou o sonho de todo garoto da América, negou o termo "andrógino" e afirmou ser mais homem do que qualquer outro quando subia no palco (apesar de ficar brincando de beijar o baterista Neal Smith durante toda a coletiva). Elogiou bastante a cerveja Skol, afirmando que aposentaria a sua amada Budwaiser, ao menos enquanto estivesse aqui no Brasil.

O grande momento se aproximava

Havia chegado o grande dia! Desde a noite anterior, barracas já se encontravam armadas nos arredores do Anhembi em São Paulo. Jovens de Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia, Curitiba e até da Argentina começavam a se juntar na fila para o show que teria início às 20:00 horas daquele sábado ensolarado.

Dia 30 de março de 1974. Guarde bem esta data! Foi o primeiro show de grande porte de um artista de Rock pela América Do Sul! Carlos Santana e seu grupo haviam se apresentado por aqui no ano anterior, porém sem o mesmo impacto causado por Alice. Foi também um público recorde. O Palácio das Exposições do Anhembi recebeu oficialmente 80.000 pessoas naquela noite, mas a imprensa chegou a noticiar a presença de um público estimado em 120.000 pessoas. Foi, de longe, o maior público que um único artista recebera até então na cidade de São Paulo, e também um recorde mundial para apresentações em lugares fechados.

depoimentos A. Cooper Brasil 74

"Eu estive naquele show do Centro de Exposições do Anhembi! Engraçado que a guilhotina que executava o Alice Cooper no show não funcionou e acabaram "matando" ele na porrada! O show teve vários pontos altos, como a banda que era muito boa e aquele dente enorme que adentrava o palco. Alice vinha com uma escova de dentes gigante e começava a escová-lo, pois o dente estava com várias cáries que eram no formato do mapa dos Estados Unidos. Ele não pode encerrar o show daqui como fazia tradicionalmente, com o hino norte-americano de fundo e uns "malabarismos" com a bandeira dos EUA! A censura cortou essa parte do show! O jeito foi colocar a bandeira brazuca num mastro no palco e soltar "Pra Frente Brasil" nos falantes enquanto Alice deixava o palco!
Me lembro também que Alice declarou sua paixão pela cerveja Skol brasileira, inclusive levando uma boa quantidade de latinhas (ainda uma novidade para a gente, cerveja em lata!) com ele durante a entrevista coletiva!"

Leopoldo Rey

"Eu fui naquele show, mas confesso que quase não vi e nem ouvi nada, pois quase fui pisoteado. Lembro que foi um caos, era muita gente e ninguém conseguia controlar aquela multidão, cerca de 120 mil pessoas eu acho. Lembro que na época houve um outro show no Palácio das Convenções para poucos e o ingresso era muito caro, então só pude ir ao show do tumulto. Naquela época não existia nenhuma infra-estrutura para grandes shows e pouco se conseguia ver, pois eu estava longe do palco pra não ser pisoteado."

Kid Vinil

"Infelizmente não estive naquele show, mas tenho algumas lembranças pois a TV passou muita coisa (não me lembro se foi transmitido ao vivo). Se bem me lembro, quem estava no comando era a Rede Globo. Assim, ela deu o maior apoio. Alice foi visto como algo "meio palhaço". Não teve aquele lance de horror ou coisa parecida. Ele tentou mas não conseguiu. Mais parecia uma caricatura. Só me recordo que ele trouxe bons músicos. Mas o som não ficou legal. Na televisão parecia transmissão via rádio de pilha. O Brasil não estava acostumado com mega shows e o resultado sonoro deixou muito a desejar (ouvi a mesma opinião de amigos que foram lá ver ao vivo). Mas o Alice Cooper curtiu. Ele se mostrou muito feliz com o Brasil, achou o maior barato. Uma coisa que me lembro foi que a maior preocupação das "autoridades" foi a bebedeira. Muita gente encheu a cara de cerveja, até porque o dia estava quente. E teve um pessoal que passou mal por conta disso. Houve desmaios e correria!"

Valdir Montanari

"Tudo foi muito alucinante! Eu estive presente no Show do Palácio das Convenções, que foi o primeiro show internacional que eu assisti. Aqui no Brasil a gente nem imaginava rolar um evento desse tipo! Só de entrar no Palácio das Convenções e ver aquela aparelhagem já foi um espetáculo. Fiz as fotos do lugar onde eu estava sentada, pois não tinha como se mexer lá dentro. O show em si foi demais, simplesmente sensacional. Casa lotada e o público delirando! Inesquecível!"

Grace Lagoa

"*Muscle Of Love* foi o meu primeiro disco! Ele me penetrou no melhor, mais delirante e definitivo dos sentidos possíveis. Lembro-me do frio na barriga, dos arrepios causados pela bela e esganiçada voz de Alice - já devidamente consagrado como fora de controle de carteirinha - brother de Zappa, e com passagem mais que bombástica pelo Brasil. Por questões hoje óbvias para mim, não pude ir ao show apesar te ter insistido bastante em querer ir. Papai Massari começaria então uma brilhante carreira de contribuinte para a minha coleção de discos. Não me deixou ir ao show, mas trouxe a bolacha para casa!"
(trecho extraído da extinta revista General)

Fábio Massari

Naquele sábado os cinemas, teatros e ônibus para o litoral estavam completamente vazios – todos os jovens da cidade foram conferir o show do cantor mais famoso do momento!

Com um ingresso baratinho (CR$20,00), milhares de jovens puderam assistir o ídolo e se gabarem de estar vendo pela primeira vez um grande concerto de Rock. Tudo era espetacular, a quantidade de som e luz, o tamanho do palco, nada visto antes nessa terra.

Com o movimento Hippie "ainda" rolando a toda por aqui, era comum nas imediações do local do show ver grupos de jovens reunidos cantando, tocando violões, flautas, e fazendo o seu próprio som. Parecia um "Woodstock Brasileiro" muita gente bacana, calor, cerveja, sorvete e maconha. Jaquetas de couro e calças jeans da Lee com as inscrições "Eu Te Amo Alice", "Paz, Amor e Alice" também foram avistadas.

Eram também muitos os jovens que apareciam com os rostos pintados imitando a tradicional maquiagem de Alice Cooper, causando espanto no pessoal de mais idade ao redor da cidade. Dizem que mesmo depois dos shows, uma garotada começou a andar com esse visual pela Rua Augusta (um dos points roqueiros da cidade na época).

Naqueles tempos a juventude ainda demonstrava algo muito raro de se ver nos dias de hoje – a ingenuidade. Tudo era belo e maravilhoso, tudo era "curtição" e nada poderia dar errado. Será mesmo?

O Show do Tumulto

Foi assim que ficou conhecida a primeira apresentação de Alice Cooper em solo brasileiro. Os jornais estamparam em suas manchetes após os shows: "Tia Alice não encontrou seus sobrinhos brasileiros", ou mesmo "A festa de 80.000 jovens termina em tristeza e deixa 200 feridos"

Os portões foram abertos às 17:00 horas com muita correria, confusão e desmaios. Todo mundo queria ficar o mais perto possível do palco.

Sendo o primeiro show desse porte por aqui, não era só o público que não sabia como agir. A polícia, os bombeiros, os promotores, a segurança, os médicos, os fotógrafos, os jornalistas, todo mundo estava perdido, todos com a mesma sensação. "E agora, o que faremos?".

Para acalmar a multidão e amenizar o calor que fazia dentro do Anhembi (que mais parece um imenso galpão de fábrica), os bombeiros encharcavam todo mundo com jatos de água.

A coisa só foi acalmar lá pelas 19:00 hs quando os jovens se sentaram para ouvir o disco *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, que tocou inteiro nos PA's do Anhembi (para quem não sabe, PA's são aquelas torres ao lado do palco e ao redor do recinto, que "jogam" o som para a platéia). A moçada aplaudia cada faixa que ia sendo tocada do disco, tudo na maior tranqüilidade.

Por volta das 20:00 horas foi anunciado que o grupo Som Nosso de Cada Dia faria a abertura do show (o que a maioria do pessoal ainda não sabia). Sem muita demora as luzes se apagam e o Som Nosso adentra o imenso palco tocando uma releitura para "O Guarani", de Carlos Gomes.

O show do Som Nosso foi acontecendo e o público ia fazendo um ritual que não parou durante todo aquele dia: as pessoas ficavam jogando garrafas plásticas, restos de comida, latas vazias de cerveja e "bitucas" de cigarro ainda acesas umas nas outras. Ou seja, não dava para assistir ao show sossegado porque a qualquer momento você poderia ser atingido por um OVPD (objeto voador de procedência duvidosa).

Antônio Carlos Monteiro

(Rock Brigade)

A vinda de Alice Cooper ao Brasil, há exatos trinta anos, marcou o ingresso do nosso país no circuito internacional de shows. E as apresentações dele por aqui foram cercadas de estranhamento, preconceito e muita, mas muita desinformação.

As barbaridades que a imprensa publicou na época ficavam entre o risível e o patético. Até uma revista foi editada contando uma "pseudo-história" de Alice Cooper e desfechando com algumas letras que certamente foram "tiradas" de ouvido por alguém que não sabia inglês – ou seja, não se deram nem ao trabalho de pesquisar os discos originais. Até o à época famoso cronista Lourenço Diaféria, que assinava uma coluna extremamente popular no jornal "Folha de S. Paulo", perpetrou um texto desinformado e preconceituoso com o sintomático título de "Minha Tia que essa Alice não é".

Verdade seja dita, Alice também não se esforçou nada para mudar uma vírgula de tudo de ruim que se falava dele. Seu único comentário em relação ao Brasil foi referente à cerveja – lembrem-se que ele já começava a enfrentar sérios problemas de alcoolismo. Alice tinha encomendado aos promotores do show uma quantidade industrial de Budweiser para consumir por aqui, mas se encantou com uma marca nacional de cerveja e mamou galões dela durante sua estada.

Já os shows foram inesquecíveis! Durango, só consegui ir no primeiro, que aconteceu no Salão de Exposições do Anhembi – que a gente chamava carinhosamente de "pulgueiro". As outras duas apresentações rolaram no Palácio das Convenções do mesmo Anhembi a preços proibitivos – pelo menos para um adolescente estudante que nem eu. Pra entrar foi uma confusão só. Público, organizadores e polícia não sabiam como lidar com a situação e eu me vi, num determinado momento, esmagado contra um camburão da polícia, que algum iluminado inventou de estacionar bem na frente da porta de entrada.

O show começou exatamente como começa o álbum *Billion Dollar Babies*, com a música "Hello Hooray". Foram uns cinco ou seis acordes até começar um empurra-empurra de proporções oceânicas. Quem estava atrás queria ir lá pra frente, quem estava lá na frente, queria ir pra qualquer outro lugar pra não morrer esmagado. Muita gente se refugiou em cima do palco e o show, naturalmente, foi interrompido. Parece que ninguém morreu. Se isso é verdade, foi um milagre.

Mas os tempos, definitivamente, eram outros. Acalmada a turba, um dos organizadores pegou um microfone, disse que se rolasse outra treta o show pararia de vez e pediu pra todo mundo sentar no chão para que o espetáculo continuasse. Sabe o que aconteceu? Sentamos todos comportadamente no chão e assistimos assim o show até seu final. Com a confusão que havia se estabelecido, cheguei quase na grade e acabei vendo o show de uma posição privilegiadíssima. Lembrando hoje, dá pra concluir que foi um show tosco. A banda desafinava nos vocais com uma convicção admirável e o som naquela grande caixa de alumínio que é o Salão de Exposições deve ter algo em torno de três segundos de reverb natural. Mas, e daí? Eu estava lá pra ver Alice Cooper e o mesmo hoje, quarentão – quase cinquentão – me emociono ao lembrar daquela tarde/noite de sábado porque vi de perto um dos meus maiores ídolos. E só até hoje estou nessa vida de rocker, muita culpa tem nisso o que fez naquele dia o sr. Vincent Damon Furnier – também conhecido como Alice Cooper.

Começava um empurra-empurra homérico e o desespero para se chegar perto do palco era geral. Os músicos do Som Nosso constantemente paravam a música e pediam calma aos presentes: "Rock não é isso, vamos aprender a curtir o som com muita calma! Sentem-se por favor!" dizia um dos músicos da banda, sem ser atendido.

Os desmaios aumentavam e muitos jovens com escoriações eram levados aos postos médicos instalados no próprio local.

O Som Nosso fez um show de uma hora de duração e foi bastante aplaudido pelo público, que gritava ainda mais quando algum dos integrantes dizia no microfone o nome de "Alice Cooper!".

O "Altamont" Brasileiro?

No intervalo entre os shows, a tensão já começava a tomar conta do local. Pete Shanaberg, empresário de Alice, estava à beira de um enfarto e pedia um reforço de 500 homens para a segurança local. Os policiais presentes riam da cara do gringo e falavam para ele que não haveria mais problemas... Marcos Lázaro, se afogava com seu charuto na porta do camarim de Alice e reclamava de uma úlcera!

Depois de um intervalo de 25 minutos, um agente da L.S. Productions (empresa norte-americana também envolvida com a vinda de Alice") grita no microfone: "O fantástico Alice Coooooooper!"

O Anhembi veio abaixo! O público delirava!

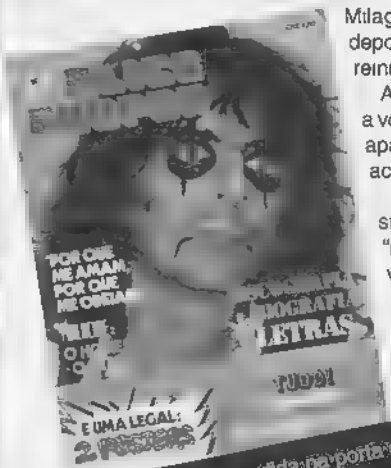
A quantidade de som que saía dos P.A.s assustava! "Hello Horay" abriu o espetáculo, sendo seguida de "Billion Dollar Babies", um dos maiores sucessos de Alice por aqui. Quando Neal Smith começou as primeiras batidas de "Elected", o caldo literalmente entornou ..

Todo mundo começou a se empurrar e a querer chegar mais perto do palco. Parecia que Alice era o novo Messias, aquele que precisava ser "tocado" pelas multidões. Alguns jovens tentavam invadir o palco, enquanto a polícia escorava com violência a multidão. Nas primeiras "fileiras" o pessoal começou a ser pisoteado e esmagado contra o palco! Chegou um ponto que os policiais abandonaram a "pista" e subiram no palco para não serem esmagados! Um policial chegou a puxar um revólver no meio da confusão, o que bastou para se instalar o caos por completo no local. Quem estava mais atrás não entendia nada!

O show foi paralisado, com um tenente da polícia literalmente arrancando Alice do microfone. O cantor e sua banda se retiraram temendo uma invasão total do público no palco. As luzes do Anhembi se acenderam e a equipe de Alice já dava o show como encerrado, querendo sair daquele local o mais rápido possível.

Um segurança pessoal do cantor, um chileno chamado Roberto, corajosamente tomou a frente da situação e comentou com Alice que se o show fosse cancelado, aquelas milhares de pessoas poderiam ficar revoltadas e piorarem ainda mais o já "trágico" quadro do espetáculo!

Roberto pediu para Alice permissão para acalmar o público. Se dirigiu ao microfone e deu um belo sermão na moçada. "Vocês querem que o Alice pense o que de vocês? Que vocês são um bando de animais selvagens? Vamos nos acalmar! Quero que todos vocês sentem e se comportem, senão o show não vai continuar!"



A revistinha que era vendida na porta dos shows de 1974, lançada às pressas para aproveitar a "Alicemoda"

Milagrosamente, um silêncio se instalou no local e depois de quase meia hora de paralisação o show foi reiniciado.

Alice reiniciou tudo bastante assustado e ate com a voz um pouco trêmula. O cantor tentava nitidamente apagar da mente dos presentes o tumulto que tinha acabado de se desenrolar.

O set list era muito bem escolhido, com todos os sucessos do disco *Billion Dollar Babies*, mais as "novas" composições do *Muscle Of Love*. A galera vibrava com "I'm Eighteen", "Big Apple Dreamin' (Hippo)", "Muscle Of Love", "Hard Hearted Alice", "My Stars" e outras.

Em "Unfinished Suite", Alice encenava uma dor de dente enquanto um sádico dentista (interpretado por um figura chamado The Amazing Randi, que era também o carrasco) tratava de torturá-lo com uma imensa máquina de obturação. De repente, um "dente gigante" adentrava ao palco para atormentá-lo (curiosidade: quem aparecia vestida de "dente gigante" era Cindy Smith, irmã do baterista Neal Smith. Cindy era, e ainda é, casada com o baixista Dennis Dunaway, também da banda de Alice Cooper). Alice pegava uma escova de dente também gigante, um tubo de creme dental de tamanho idem, e começava a "esfregar" o dente cariado! Curtição pura!

A parte mais violenta e assustadora do show se aproximava (se bem que perto do que a rapaziada já tinha passado ali na frente do palco, o que Alice encenaria seria mera "palhaçada"). Em "Sick Things", Alice se enrolava na cobra, um dos pontos altos do seu show de horrores, para o delírio da rapaziada.

O eterno lá do mestre Alice:

Paulo Zinner

Quando o Alice veio a primeira vez pra cá eu tinha 16 anos de idade e na TV passava direto um mini clipe num programa chamado Excelsior a Máquina do Som, que era o clipe da música "Elected". Eu ficava alucinado.

Quando eu soube que ia rolar o show fiz um escândalo em casa para minha mãe deixar eu ir... Pra me acalmar, no dia do show ela falou: "Paulo nós vamos passar de carro em frente do Anhembi e se tiver muito tumulto você não vai!" Eu falei "Beleza", e lá fomos nós, eu, a minha irmã e a minha mãe pro Anhembi.

Chegando lá, um monte de cabeludo na rua, todo mundo mais velho e um baita tumulto e a minha mãe falou: "Você não vai de jeito nenhum!". A minha sorte é que eu estava no banco da frente e não deu outra, roubei a bolsa da minha irmã e pulei do carro e me meti no meio da multidão! (risos)

Eu estava alucinado, comprei o ingresso e tentei procurar uma fila para entrar no lugar. Mas não tinha fila, o que tinha era um enorme tumulto mesmo. Lembro da galera forçar um portão de ferro que ameaçou desabar. Daí vieram os bombeiros e começaram a nos dar um banho de água, jogaram água pra todo lado para tentar dispersar o pessoal.

Eu entrei no Anhembi ensopado e consegui ficar bem próximo do palco. Na hora que o Alice entrou, a galera levantou e começou a se espremer pra chegar lá pra frente. Começou um empurra-empurra e todo aquele multidão queria invadir o palco mesmo, todos queriam "abraçar" o cara, queriam ao menos tocá-lo! Foi uma loucura!

O Show parou com o Alice Cooper saindo do palco assustado! Ascenderam-se as luzes, e um cara da produção do show pegou o microfone e deu uma bronca na galera: "Se vocês não sentarem e ficarem comportados o Alice não vai voltar para terminar o show!" Foi assustador.

Logo depois disso, eu via o pessoal carregando uma menina desmaiada, na verdade trando-a lá da frente do palco, o pessoal passava ela de mão em mão para trás. Não tinha como tirar uma pessoa pela pista mesmo, o jeito era passar por cima do povo!

A coisa acalmou um pouco e o show do Alice continuou. A apresentação do cara foi demais e ele trouxe o seu show completo: guilhotina, cadeira elétrica, escova de dente gigante e tudo mais. Ouvir "Big Apple Dreamin'" ao vivo foi demais. Outra coisa que me fascinou foi o tamanho da bateria do Neal Smith, todo quadriculada e escolhida.

Depois do show, quando o Alice foi embora, a Rita Lee comprou uma parte da iluminação e se não me engano, ficou com a cobra também.

Na época, eu me lembro que a minha mãe me contou que estava nas imediações da Praça da República com a Rua 7 de Abril, bem no centro de São Paulo, e viu um baita tumulto e o Alice passou dentro do carro e uma galera correndo atrás... (nota do Editor: provavelmente foi naquele dia da entrevista coletiva no escritório da Rua 7 de Abril - ver matéria).

Confira no www.poeirazine.com uma entrevista exclusiva com o Paulo Zinner, que aparece nessas fotos trajando uma bota de couro de cobra que pertenceu ao Alice Cooper. A bota foi presente de uma amiga, que ganhou o calçado do cantor norte-americano quando este esteve no Brasil.

Site: www.paulozinnerrockestra.hpg.com.br
e-mail: paulozinnerrockestra@ig.com.br

Setlist dos shows no Brasil

Hello Hooray
Billion Dollar Babies
Elected
I'm Eighteen
Big Apple Dreaming (Hippo)
Muscle Of Love
Hard Hearted Alice
My Stars
Unfinished Suite
(Night on bald mountain tocada em tape)
Sick Things
Dead Babies
I Love The Dead
(Night on bald mountain tape)
School's Out
Working Up A Sweat
(Pra Frente Brasil) (tape)

Já em "Dead Babies" o cantor furava bonecos de bebês e os levantava para a platéia. Em "I Love The Dead", a imensa guilhotina causa até arrepios na moçada. Alice é colocado com a cabeça pronta para a execução. O mais engraçado é que a guilhotina falhou, sendo que o "carrasco" que executaria Cooper, tentou acioná-la sem sucesso por três vezes consecutivas. Só na quarta tentativa é que a guilhotina funcionou para o êxtase dos presentes. Para o bis, "School's Out", trazendo um amontoado de bolhas de sabão por todo o palco.

No final do show, Alice pendurou a bandeira da CDB (Confederação Brasileira de Futebol) num mastro, e a música "Pra frente Brasil" começou a ecoar nos PA's, com o músico deixando o palco do Anhembi, encerrando talvez o show mais inesquecível de sua carreira (por inúmeros motivos).

Os músicos entraram num carro da polícia e se mandaram rapidamente. Marcos Lázaro se queixava de sua úlcera e apesar de toda a grana levantada, fazia questão de declarar que nunca mais trabalharia com bandas de Rock.

A Billion Dollar Babies Band e seus músicos fantasmas

O que tinha chamado muito a atenção no traumático e inesquecível primeiro show do Anhembi, em São Paulo, foi o fato da banda de Alice Cooper apresentar um tecladista e um guitarrista extras, tornando-se um septeto.

A banda de Alice era formada por Glen Buxton e Michael Bruce nas guitarras, Dennis Dunaway no baixo e Neal Smith na bateria. Nesses shows do Brasil também estiveram presentes o guitarrista "fantasma" Mick Mashbir e o tecladista Bob Dorn.

Ambos já tinham realizado a tour do disco anterior, *Billion Dollar Babies*, com a banda e ficavam meio "escondidos" no palco. Mick Mashbir fazia os solos principais e foi convocado às pressas, pois Glen Buxton estava com sérios problemas de saúde e havia operado o pâncreas há pouquíssimo tempo, estando bastante debilitado fisicamente.

Alice ficou tão entusiasmado com a atuação de Mick no Brasil que lhe ofertou uma Gibson Les Paul de 1959!

Mais shows históricos pelo caminho

Nos dias 01 e 03 de abril, Alice Cooper se apresentou no Palácio das Convenções, também no Anhembi, em São Paulo. Só estava marcada a primeira data, mas a procura por ingressos foi tanta que uma segunda data foi agendada às pressas por Marcos Lázaro.

Bem diferente do Palácio de Exposições, o Palácio das Convenções é um local de menor porte, com um palco e cadeiras por todos os lados assemelhando-se a um teatro, e foi ali que os fãs paulistanos puderam conferir todo o espetáculo da "Tia" Alice.

Os ingressos eram bem mais caros (de CR$100 a CR$160, ao invés dos CR$20 do primeiro show no Anhembizão) e só o pessoal de maior poder aquisitivo pôde comparecer, sendo que o povão teve que se contentar com o "show do tumulto".

Palácio das Convenções
Anhembi, São Paulo
01/04/1974
Fotos: Grace Lagoa

Próxima parada:
Palácio das Convenções do Anhembi

Por Rolando Castello Júnior

Dia 1º de abril de 1974, realmente parecia o dia da mentira.

Alice Cooper iria se apresentar em São Paulo, no Palacio das Convenções do Anhembi. Convenhamos, era um acontecimento nada convencional. Levando-se em conta o estado das coisas naquele momento em São Paulo e no Brasil, vivíamos sob uma ditadura cruel, ferrenha, poderosa e de direita, com setores de ultra-direita e até tanto progressistas e acho até que devido a estes é que iria rolar o show do já na época lendário Alice Cooper, vulgo Vincent Furnier e sua troupe de elegantes ciganos rockers: Glen Buxton, Neil Smith, Dennis Dunaway e Michael Bruce.

Era difícil acreditar que os milicos liberariam para a galera três shows do Alice, um maior no Centro de Exposições, um espaço gigantesco para um público estimado entre 75.000 a 120.000 pessoas (ainda hoje as cifras são desencontradas); e outros dois no Palácio de Convenções para uma platéia privilegiada de 2.500 a 3.000 pessoas Por quê? Porque o equipamento de som que os caras trouxeram era super hiper ultra adequado para o Palácio de Convenções e totalmente inadequado para aquela multidão do Centro de Exposições.

Na época já se usavam PA's para os shows das grandes bandas de rock nacional, porém os equipamentos por elas utilizados ou mesmo os de locadoras profissionais de som não eram, como hoje, equipamentos adequados para um show para 100 000 pessoas. Como disse, havia PA's bons para público de até umas 10.000 pessoas, sendo que a maioria dos equipamentos era híbrido de equipamentos importados, tais como microfones, mesas, periféricos e drivers para corneta e/ou tweeters importados, com falantes e caixas nacionais e vice-versa, ou combinaçoes variadas sobre esses itens de PA.

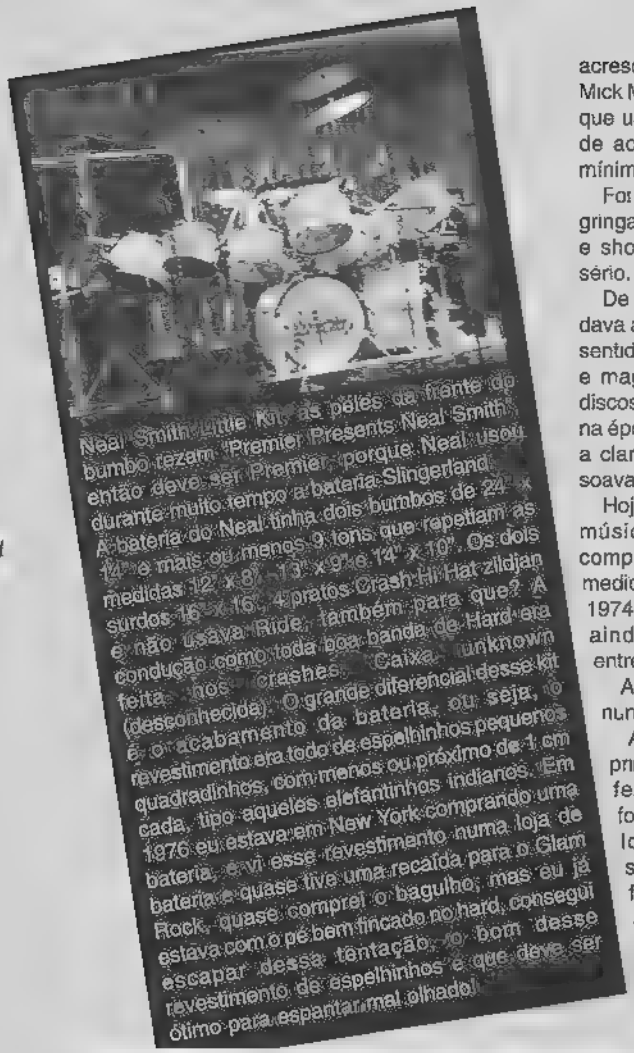
O Alice Cooper trouxe todo o PA deles, que era exatamente o que eles vinham utilizando em tours pela América do Norte e Europa naquele momento. Ou seja, estaríamos vendo uma grande banda de rock em seu apogeu com um puta som, coisa raríssima aqui na época.

Como relatei acima, o país estava nas mãos dos milicos e era praxe que todas as autarquias, órgãos públicos estaduais, municipais e federais tivessem nos seus quadros de funcionários capitães, majores e coronéis, contrários à supressão dos direitos individuais e de quem os exercia, e me vi obrigado a recorrer a certas influências para entrar no Palácio de Convenções, já que os ingressos estavam esgotados. Lá fui eu para o show, quando, em horário e local pré determinados apareceu pontualmente um coronel que me cumprimentou e pediu que o seguisse Assim o fiz, e as portas iam se abrindo como que por encanto, enquanto lá íamos nós, o cabeludo roqueiro com roupas nada discretas e o coronel no seu impecável terno e com autoridade absoluta no local Quando me dei conta já estava exatamente na primeira fila em frente ao palco, extasiado, mas naquele momento era preciso que a minha cabeça girasse 360 graus para poder ver todo aquele equipamento maravilhoso, o lugar cheio só de galera e gatinhas lindas, os roadies dos caras com aquele puta visual rocker dos anos 70, enfim, pirei forte, tanto que nem vi quando o tal coronel se despediu, só sei que o cara sumiu.

A expectativa para o show era grande, ainda mais por que o "Som Nosso de Cada Dia", do glorioso Manito, iria abrir a noitada Vou ser sincero, os caras são meus amigos e na época eu também era fã da banda, mas apesar deles estarem tocando pacas, o som estava horroroso, sem peso, fraco, dei um rolê pelo lugar para sacar o som e infelizmente não estava dando para empolgar. Quero, porém, deixar bem claro que foi devido ao PA e não pela competência incontestável do "Som Nosso". Quando o Alice Cooper entrou, dando início a seu show, parecia que eu estava em outro lugar e com outros equipamentos, pois era simplesmente o som do disco dos caras melhorado pelo peso dos PA's e pela adrenalina de uma banda ao vivo.

Me lembro que os equipamentos de PA de Tia Alice eram formados por caixas acústicas da Cerwin-Vega e o equipamento de palco eram amplificadores e caixas Sunn.

A palavra para descrever o não mais show, mas sim espetáculo, seria *impecável*: puta som, puta luz, os músicos tocando pacas e a banda



Neal Smith. Little Kid, as peles da frente do bumbo tezam "Premier Presents Neal Smith" então deve ser Premier, porque Neal usou durante muito tempo a bateria Slingerland. A bateria do Neal tinha dois bumbos de 24" x 14" e mais ou menos 9 tons que repetiam as medidas 12" x 8", 13" x 9" e 14" x 10". Os dois surdos 16" x 16", 4 pratos Crash-Hi Hat zildjan e não usava Ride, também para que? A condução como toda boa banda de Hard era feita nos crashes. Caixa, unknown (desconhecida). O grande diferencial desse kit é o acabamento da bateria, ou seja, o revestimento era todo de espelhinhos pequenos quadradinhos, com menos ou próximo de 1 cm cada, tipo aqueles elefantinhos indianos. Em 1976 eu estava em New York comprando uma bateria e vi esse revestimento numa loja de Rock, quase comprei o bagulho, mas eu já estava com o pé bem fincado no hard, consegui escapar dessa tentação, o bom desse revestimento de espelhinhos é que deve ser ótimo para espantar mal olhado!

acrescida de um ghost guitar (nota do editor: Mick Mashbir), e um tecladista (n.e. Bob Dolin) que usava um piano acústico cujo móvel era de acrílico transparente. Aquilo soava, no mínimo, 100 vezes melhor do que em disco.

Foi o meu primeiro contacto com uma banda gringa e com o esquema gringo de produção e show business, entretenimento levado a sério.

De dado pitoresco posso citar que quem dava a cobra para o Vincent no palco, no bom sentido é claro, era o Andy Mills, futuro amigo e magnífico produtor de um dos melhores discos de rock brasileiro, o "Fruto Proibido" da, na época, deusa Rita Lee. Também fiquei com a clara convicção que na época as bandas soavam melhores ao vivo do que em estúdio.

Hoje qualquer mané vira astro, cantor ou músico sem o mínimo de talento ou competência. É a tecnologia a serviço da mediocridade. Naquele primeiro de abril de 1974, porém, o que rolou foi a tecnologia, ainda inexistente aqui, a serviço do entretenimento sadio e do bom rock'n rol..

Antes que alguém me pergunte, não, eu nunca mais vi o tal coronel.

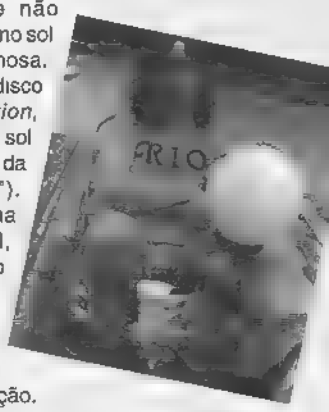
As fotos que ilustram a matéria foram as primeiras fotos que a fotógrafa Grace Lagoa fez de um show (com uma máquina fotográfica emprestada). As fotos estão longe da perfeição e captura de sentimentos que pontuaria o trabalho futuro dessa grande profissional. Ficam aqui os nossos agradecimentos por essa valiosa contribuição para melhor ilustrar essa materia.

site: patrulhadoespaco.com.br
e-mail: patrulharock@hotmail.com

A vez da Cidade Maravilhosa

O próximo passo seria o mais aguardado pela banda, conhecer o Rio de Janeiro.

A comitiva do cantor desembarcou no aeroporto (onde muitos fãs também aguardavam) e partiu direto para o Copacabana Palace. Quase sem conseguir ver o ídolo, os jovens acabaram vibrando quando a aparelhagem de luz e som do cantor foram retiradas de um Boeing 707, na pista do aeroporto. O pessoal gritava de alegria!



No hotel, Alice não conseguia acreditar no sol da cidade maravilhosa. (Em 1994, no seu disco *The Last Temptation*, Alice relembraria o sol do Rio numa estrofe da música "It's Me"). Tomou muito sol na piscina do Hotel, mesmo quando atendia a TV e os jornais para entrevistas rápidas, o que lhe rendeu uma bela desidratação.

Os músicos eram bem menos reconhecidos pelo público e podiam andar tranqüilamente pela Avenida Atlântica, sendo raramente abordados por um ou outro jovem mais atento. Os caras não saíam da praia. Já Alice tinha que ficar trancado no hotel pois centenas de fãs faziam "vigília" 24 horas na porta do hotel esperando vê-lo.

Palácio das Convenções Anhembi, São Paulo 01/04/1974 Fotos: Grace Lagoa

Neal Smith conta tudo!

Sempre curti muito o estilo do Neal Smith tocar, principalmente nos anos dourados do Alice Cooper Group. Seu visual com cabelo até a cintura, pinta de Rock Star, e técnica apurada, sempre chamou a atenção. Aqui está um bate papo totalmente informal com a fera, que se já não ostenta as longas madeixas, pelo menos continua detonando com sua nova banda, o BDS "Bouchard/Dunaway/Smith", isso mesmo, um super trio formado pela antiga cozinha de Th Alice (Neal Smith e Dennis Dunaway) e mais o antigo baixista do Blue Oyster Cult, Joe Bouchard, agora cuidando das guitarras e vocais. O grupo acabou de lançar um disco ao vivo em Paris onde apresenta versões para clássicos de Alice Cooper, Blue Oyster Cult e ainda material próprio. Neal lembrou de vários detalhes da passagem pelo Brasil em 1974 e confessou que está doidinho para tocar por aqui com esse seu novo projeto. Promotores e empresários: mãos a obra!

pZ – Quais as lembranças da tour brasileira de 1974?

Neal Smith – Me lembro que nosso primeiro show foi no Palácio das Exposições do Anhembi, em São Paulo. Quando eu e o resto do grupo pisamos no local do show, ficamos abismados com o seu tamanho. Foi o maior espaço coberto e fechado que eu vi em toda a minha vida! No dia do show, quando entrei no palco e vi toda aquela multidão gritando fiquei estarrecido! A platéia estimada era de 120.000 pessoas e o local não estava completamente cheio. A impressão que dava era que o público tomava dois terços do lugar e que caberiam facilmente mais 50.000 pessoas ali dentro. Nenhum de nós sequer sonhou em tocar para uma platéia desse tamanho, ainda mais num local fechado.

pZ – Como é que você reagiu aos tumultos causados pelo público naquela noite?

Neal Smith – Assim que a gente adentrou no palco para a insanidade se instalar por todo o local. Abrimos com "Hello Hurray" e quando começou a introdução de "Billion Dollar Babies" a excitação da multidão era tanta que logo percebi que uma catástrofe poderia acontecer. A platéia era um verdadeiro mar de corpos espremidos! Milhares de fãs começaram a se empurrar para tentar chegar mais próximo do palco. Alguns queriam loucamente subir no palco para agarrar Alice e alguns jovens foram esmagados contra aquela grade que separava o palco da platéia! Isso tudo bem embaixo do nosso nariz! A movimentação da multidão parecia ondas no oceano. A confusão e o tumulto causado pelo simples fato de tocarmos nossa música foi algo indescritível! Foi a situação mais doida que presenciamos em toda nossa carreira tocando com Alice Cooper.

pZ – A grade de segurança veio abaixo logo no início?

Neal Smith – Sim, inclusive havia uma área entre a gente e essa grade onde os seguranças trabalhavam, mas com o tumulto, a grade cedeu e o público ficou esmagado direto no palco, com os seguranças subindo no mesmo nível da banda, procurando um local seguro e ao mesmo tempo tentando resgatar as pessoas que estavam sendo esmagadas! Algumas eram trazidas para o palco e recebiam tratamento médico posteriormente. Vários jovens desmaiavam e eram erguidos pelo próprio público, que, de mão em mão, iam levando o "corpo" de encontro aos policiais e bombeiros que estavam no palco. Era o caos absoluto, o maior tumulto em que eu estive envolvido e de longe, o show mais louco da minha vida!

pZ – Vocês tiveram [illegible] palco [illegible] Billion Dollar Babies?

Neal Smith – Fizemos o nosso show completo, com a guilhotina e tudo mais, mas o palco em si nós não levamos para o Brasil. Foi construído um outro palco enorme e maciço especialmente para esse grande show no Anhembi, e confesso que nunca toquei num palco que balançasse tanto! Com a multidão vindo ao nosso encontro, ele literalmente se movia para frente e para trás, assustador!

Naquele momento eu pensei comigo mesmo: "O que mais falta acontecer? Será que essa porra vai desabar e todos nós iremos morrer?" Tudo estava totalmente fora de controle naquele instante!

pZ – Inclusive os policiais e seguranças?

Neal Smith – Sim, inclusive eles! Alguns policiais subiram no palco, pararam o show, bem ali na nossa frente. Eles começaram a dar um sermão no público, o que não adiantou nada naquele momento! De repente eles começaram a atirar para o alto em direção ao teto do Anhembi. Só a partir desse instante que o público começou a se acalmar e um pronunciamento foi feito dizendo que se o tumulto continuasse o show seria cancelado. Com a platéia se acalmando pudemos continuar o show.

pZ – E como foram os outros dois shows em São Paulo (no Palácio das Convenções) e a passagem pelo Rio de Janeiro?

Neal Smith – Os outros dois shows de São Paulo e os demais no Rio contaram com um público de aproximadamente 2.500 pessoas cada um e os ingressos tiveram que ser mais caros. Fomos obrigados a pedir uma quantia maior de dinheiro para as apresentações nesse locais de menor porte. Apesar do primeiro show de São Paulo contar com 120.000 pessoas, o ingresso era tão barato que o valor arrecadado provavelmente não daria nem para pagar as nossas contas no bar! (risos). Ainda tinha o fato de levarmos toda a nossa equipe, com cerca de 40 pessoas. Nós quase "quebramos" (risos)!
Me lembro que o primeiro show no Rio foi para um público bem jovem, já o segundo foi para uma platéia de políticos e homens de negócios, todos com mais de 30 anos, reservados, ricos e bem comportados. Uma platéia bem atípica para a gente por sinal. Mas o Rio foi ótimo, com a gente dando várias entrevistas e visitando pontos turísticos.

pZ- E as garotas brasileiras?

Neal Smith – Por uma razão qualquer, achamos uma grande idéia levarmos nossas esposas e namoradas para essa viagem ao Brasil. Assim que cheguei ao país percebi que essa idéia era uma grande estupidez (risos). Vocês têm as mais belas garotas do mundo! Depois de um dos shows no Rio (nota do editor: provavelmente aquele show fechado no Teatro do Hotel Nacional), nós nos infiltramos no meio do público, pois todos eram muito receptivos e amáveis com a gente! Nesse instante podemos conferir como eram belas as mulheres brasileiras. A nossa banda nunca tinha tocado para mulheres tão lindas! Infelizmente com nossas companheiras por perto fomos obrigados a nos comportar como bons garotos (risos). Ao contrário dos nossos roadies, que se esbaldaram. Sexualmente falando, foi como jogar uma isca num barril cheio de peixes! (risos)

pZ – É verdade que [illegible] cobra [illegible] Alice nos shows no Brasil e [illegible] brasileira?

Neal Smith – Não, nós a alugamos nos EUA e a levamos conosco para o Brasil. Como a Kachina, aquela minha cobra que aparecia na capa do disco *Killer* havia morrido, o jeito foi alugar cobras a partir de então.

pZ – Aqueles shows no Brasil foram [illegible] Alice Cooper Group original?

Neal Smith – Sim. Quando voltamos para casa em Connecticut, Alice, Michael e eu, começamos a pensar em nossos projetos solo. Precisávamos dar uma parada e repensar se continuaríamos como "Alice Cooper Group". Esse período levou quase um ano e nesse meio tempo Alice gravou *Welcome To My Nightmare*, Michael gravou seu primeiro disco solo chamado *On My Own Way* e eu gravei o meu, chamado *Platinum God*. Na época dos shows pelo Brasil, nem poderíamos imaginar que aquela seria a última vez que subiríamos no palco como "Alice Cooper Group".

Mais informações sobre [illegible] Neal Smith, nos mesmos moldes [illegible] site: www.nealsmith.com

O que também chamou muito a atenção do pessoal que trabalhava no Copacabana Palace era a quantidade enorme de "groupies" que a equipe de Alice ostentava. (Para quem não sabe, "groupies" são aquelas moças que fazem de tudo para conhecer seus ídolos!)

No Rio foram realizados três shows nos dias 04, 05 e 06 de abril. Um no Teatro do Hotel Nacional, somente para convidados, e os demais no Canecão e no Maracanãzinho. Com uma platéia empolgada, Alice brilhou como sempre e fez mais dois históricos concertos aqui no nosso país. O show do Maracanãzinho foi considerado o melhor de todos em solo brasileiro. Não só a performance da banda foi especial, mas o som também. Inclusive essa foi a última vez que Alice Cooper subiu num palco com sua banda original

A volta para a América e as conseqüências do desbravamento roqueiro brasileiro

A banda inteira de Alice Cooper voltou para casa no dia 08 de abril, exceto o guitarrista Glen Buxton, que foi se aventurar na floresta Amazônica. O cara sumiu por seis semanas e não deu nenhum sinal de vida para familiares e companheiros de banda. A equipe de Alice já começava a se preocupar com o sumiço do músico, até que num belo dia Glenn desembarca em Nova Iorque como se nada tivesse acontecido! Que maluquice!

Já Alice colocava sua banda "de molho" e se concentrava num disco "solo" que viria a ser o *Welcome To My Nightmare*, lançado somente no ano seguinte, com um time de músicos de primeira e sem ninguém da formação que veio para o Brasil.

A revista americana Circus, de julho de 1974, trazia um especial sobre os shows do Brasil (ver Box), e a repercussão na imprensa internacional foi enorme

Pra gente, que aqui ficou, sobraram muitas promessas – "The Who serão os próximos", "Só traremos super-grupos para o Brasil!", declarou Pete Shanaberg quando embarcava de volta para os EUA. Marcos Lázaro prometia Suzie Quatro, Focus e Carpenters, enquanto outros empresários afirmavam trazer também os Rolling Stones, o Traffic e Elton John, até o fim daquele ano. Infelizmente só vieram mesmo astros da Black Music como os Jacksons 5, Billy Paul, The Stylistics e George McCrae com seu "Melô do Puladinho" (como sua "Rock You Baby" foi batizada pela turma dos bailes). Também naquele ano, até o Tom Jones pintou por aqui, mas sem chamar muita atenção e tratado como "decadente" pela mídia.

Apesar de tudo, 1974 foi considerado o ano da explosão do Rock no Brasil. Mais de 20 álbuns de grupos nacionais de Rock foram lançados, 30 novas bandas profissionais de Rock surgiram, 300 concertos do estilo foram realizados pelo país (quase um por dia), e mais de um milhão de cópias de discos foram vendidas...

Se depois veio o Rock In Rio, Frank Sinatra, o Papa, David Coperfield, Monsters Of Rock, Hollywood Rock e tudo mais, pode crer que se não fosse nosso querido Alice, nada disso teria acontecido...

Hello! Hurray!
Let the show begin
I've been ready
Hello! Hurray!
Let the lights grow dim
I've been ready
Ready as this audience that's coming here to dream
Loving every second, every moment, every scream

Alice amou cada segundo, cada momento e cada grito! Pode ter certeza!

"Sempre falei mais daquele show de 74 em São Paulo do que qualquer outro . Foi o show mais bizarro de toda a minha vida! O público fazia tanto barulho que nem conseguíamos ouvir o que tocávamos! Eu não imaginava que tantas pessoas viriam me ver! Puseram 120.000 pessoas lá dentro! Foi tão louco que nem conheci a cidade, só vi hotéis e camburões da polícia pela frente! Apesar de tudo, nos divertimos bastante e quando voltamos para os EUA falávamos para todas as bandas: vocês precisam ir para São Paulo, é inacreditável!"
Alice Cooper – entrevista para Gastão Moreira programa Fúria Metal da MTV, 1995

Forçando a barra!

A famosa revista Circus americana era referência para todos os roqueiros do globo naquela década de 70. Na edição de julho de 1974 uma reportagem especial sobre a tour brasileira de Alice Cooper foi publicada e deu o que falar!
O repórter Robbie Granit foi enviado especialmente para cobrir cada passo do cantor pelo Brasil e o resultado chega a ser hilário. Confira algumas passagens da matéria que repercutiu no mundo inteiro e foi batizada de "Alice Assaults Brazil - One of the greatest adventures in musical history".

"A religião Makumaba (Nota do editor: eles estão se referindo à Macumba!) é tão grande quanto o Catolicismo nessa imensa terra amazônica! Quando o "diabo com sua cobra" aportou diretamente da América para esse lugar, causou o maior impacto desde a invasão dos portugueses quatro séculos atrás.. "

"O Rio De Janeiro está a dez horas de distância (de avião) e dez anos atrasado em relação à América. O Rio está basicamente na idade da pedra. No Brasil existem apenas dois ou três grupos de Rock e a juventude local sempre depende da música norte-americana para criar seus ídolos!"

"A tecnologia usada para prensar discos na América Do Sul é tão pobre que depois de apenas três ouvidas, o disco já está imprestável! (Nota do editor: Nisso eles até que tinham razão!) Colecionar discos de Rock é um esporte de gente rica por lá!"

"Os jovens são iguais em qualquer lugar! Os pobres nativos da América Do Sul curtem tanto o Rock como um Americano com um equipamento estéreo de última geração! A falta de boa música Rock os torna grandes fãs do estilo, principalmente quando um grande astro aparece por lá para alguns shows".

"Desde quando os Beatles chegaram na América em 1964 que um artista não recebe uma acolhida tão calorosa como a que Alice Cooper recebeu no Brasil!"

"Os Rolling Stones são a banda de Rock mais famosa do Brasil talvez pelo fato da esposa de Mick Jagger ter nascido na Nicarágua!" (mais uma viagem dos gringos, desta vez em relação à terra natal de Bianca Jagger).

"Parte do interesse dos brasileiros por Alice Cooper vem do mesmo interesse que eles tem pela Makumaba (Macumba), que é um ritual vodu onde se venera uma cabeça de bode".

"Enembie (eles queriam dizer Anhembi) é uma das maiores construções do mundo, fica em São Paulo e serve como um centro de exposições mercantis entre países da América do Sul. Cabem cerca de 400.000 pessoas lá dentro e não existem cadeiras ou assentos, apenas um enorme espaço vazio. É do tamanho de quatro Madison Square Garden's. Foi nesse local que Alice Cooper fez seu primeiro show no Brasil para cerca de 150 000 pessoas".

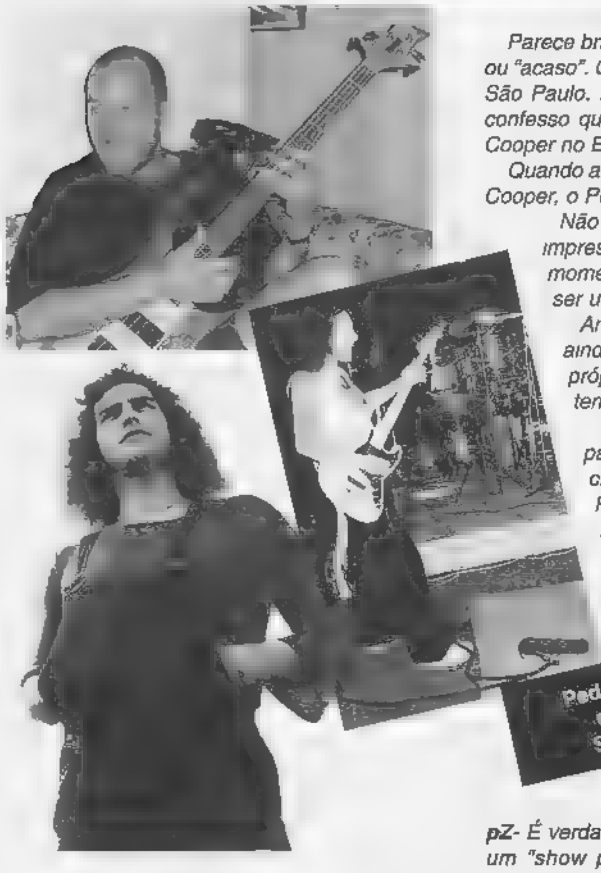
"A platéia brasileira parecia uma plantação de trigo ao vento, balançando de um lado para o outro" Alice Cooper
"Se ela balançasse de maneira errada, algo de muito grave poderia acontecer" Michael Bruce

"Algo ruim aconteceu naquele grande show de São Paulo. Quando Alice entrou no palco com toda aquela potência de som, os brasileiros enlouqueceram! Eram tantos decibéis que nenhum membro da audiência tinha sequer sonhado com aquele volume. Para aqueles jovens, Alice parecia um marciano que tinha descido de uma espaçonave. A platéia correu em direção ao palco e as primeiras filas foram esmagadas contra ele. Alice deixou o palco depois de ter tocado apenas duas músicas..."

"No Copacabana Palace as groupies iam de quarto em quarto oferecendo seus serviços sexuais. Elas falavam "I Love You" com um estranho sotaque "brasileiro" e eram chamadas pela equipe de garotas "Hot Dog", isso porque elas sempre diziam "Hot Dog" quando abaixavam as calças de alguém..."

Confira no site da poeira Zine, www.poeirazine.com, uma resenha especial do disco *Muscle Of Love*, de 1974.

Entrevista Histórica: Pedrão Baldanza do Som Nosso de Cada Dia



Pedrão relax com seu baixo e nos bons tempos do Som Nosso de Cada Dia

Parece brincadeira· as situações acontecem na nossa vida e a gente pensa que é coincidência ou "acaso". Conheci o Pedrão num de seus Workshops apresentando os baixos D'alegria, aqui em São Paulo. Bati um papo rápido com o músico, apresentei a poeira Zine para ele e na época confesso que sequer estava pensando nessa matéria especial dos 30 anos do show de Alice Cooper no Brasil.

Quando a idéia veio à tona, um estalo me ocorreu: "Se o Som Nosso, que abriu o show do Alice Cooper, o Pedrão deve lembrar de muita coisa!".

Não deu outra e liguei para o cara no meio da tarde! Dono de um alto astral e simpatia impressionantes, Pedrão nem deu bola para o jogo do Brasil que era transmitido naquele momento pela TV e nos contou maravilhas sobre aqueles shows históricos. O que era para ser um simples depoimento acabou virando uma entrevista!

Antes do bate papo é sempre bom lembrar que os shows de abertura do Som Nosso ainda são lembrados por muita gente, sendo que alguns se lembram mais deles do que do próprio show de Alice Cooper, tamanha a garra e a competência da rapaziada naqueles tempos.

Esses shows da banda também serviram para abrir muito a cabeça da molecada, que passou a se ligar que no nosso país, muita música de excelente qualidade estava sendo criada com nível até superior ao de certas bandas lá de fora. As bandas de Rock Progressivo brasileiro passaram a ser mais conhecidas e respeitadas, sem contar as novas bandas do estilo que pipocavam pelo país influenciadas pela sonoridade que Pedrão, Manito e Pedrinho criavam com o Som Nosso de Cada Dia.

Com vocês, Pedrão!

fotos: Rodrigo Werneck e arquivo pessoal do Pedrão

***pZ-** Como rolou o convite para o Som Nosso de Cada Dia abrir os shows do Alice Cooper pelo Brasil em 1974?*

Pedrão- A história começou quando o Marcos Lázaro resolveu trazer o Alice Cooper pra cá, porque ele se ligou que o Rock era algo que estava dando certo e muita coisa relacionada ao estilo estava acontecendo no mercado. O Alice Cooper estava no auge do sucesso e foi uma escolha apropriada trazê-lo para alguns shows. Nos anos 70, no mundo todo era muito comum o artista que vinha de fora sempre se apresentar com a abertura de um grupo local, então muito material das bandas brasileiras da época foi enviado para o pessoal da produção do Alice Cooper a pedido do próprio. Nessa, eles ouviram Mutantes, O Terço e o Som Nosso de Cada Dia, que acabou sendo o escolhido para abrir todos os shows do cantor pelo país. Pra gente foi uma excelente vitrine, uma possibilidade de tocar para mais gente do que para os passarinhos lá do sítio onde a gente ensaiava (risos).

***pZ-** O Som Nosso abriu todos os shows do Alice Cooper aqui no Brasil?*

Pedrão - Sim, abrimos todos os 6 shows. O do Centro de Exposições do Anhembi para mais de 100 000 pessoas, os dois do Palácio das Convenções também no Anhembi, em São Paulo, e também o do Canecão e o do Maracanãzinho no Rio de Janeiro. O que pouca gente sabe é que teve também um show fechado no Rio de Janeiro, no teatro do Hotel Nacional. Foi uma coisa bem pequena só para Vips e convidados especiais. Tinham cerca de 400 pessoas presentes e não foram vendidos ingressos, era só para convidados. Me lembro ainda que esse show foi filmado pela TV!

***pZ-** É verdade que a censura na época exigiu um "show particular" do Alice Cooper para decidir o que seria aprovado na apresentaçao do músico? Apertaram o cerco temendo alguma atitude ofensiva do cantor perante as multidões...*

Pedrão – Talvez tenha sido exatamente esse show do Hotel Nacional, pois essa foi a primeira apresentação no Rio, que rolou antes das apresentações do Canecão e o do Maracanãzinho. (Nota do editor: em São Paulo também rolou um "show secreto" do Alice Cooper para a censura, ver matéria)

***pZ-** E como foi a relação do Som Nosso com o Alice Cooper e toda a sua equipe?*

Pedrão- Foi um tremendo barato fazer esses shows com o Alice Cooper. O cara é um "figura" e gostou da gente pra caramba, nos demos super bem! No primeiro show quase não tínhamos acesso a toda aquela potência de som da aparelhagem dos gringos. Depois, fomos fazendo amizade com o pessoal do som e a coisa melhorou. Curioso é que a equipe de som do Alice era aquele mesmo pessoal que fez o filme "The Rose", da Bette Midler (sobre a Janis Joplin). Toda aquela turma, os engenheiros, os roadies, os técnicos que montavam o palco, era toda aquela galera que depois apareceu no filme. Eles eram a equipe do Alice Cooper! E foram aqueles caras que vieram pra cá com ele.

***pZ-** Já ouvi dizer que os gringos piraram com aquelas apresentações de vocês...*

Pedrão – Eles "tietavam" a gente numa boa, ficavam ouvindo e curtindo muito o nosso show. Eu estava tocando e sempre que olhava para o lado via alguém da equipe viajando com o nosso som. A relação com eles foi ótima, todo mundo gente boa, sem nenhum acesso de estrelismo.

Os músicos eram bem legais também. Um guitarrista de apoio contratado de Alice Cooper era um fera do instrumento, tocava muito, e o cara queria por que queria fazer um som com a gente e colocar uns solos de guitarra nas nossas bases. O baterista Neal Smith era um malucão com uma batera monstruosa, aliás, foi a primeira vez que a gente viu um batera tocando com seu próprio nome na baqueta, ou seja, um músico patrocinado que era "endorser" de alguma marca de baquetas. O baixista (Dennis Dunaway) me deu uma porrada de encordoamentos para o instrumento, assim como o Neal Smith deu várias baquetas para o Pedrinho. Eles se ligaram que a gente era batalhador e era do ramo...

***pZ-** Sempre rolou um boato de que o Neal Smith gostou tanto de ver o Pedrinho tocar batera que ele acabou dando sua bateria ao Pedrinho e voltou para casa com as mãos abanando. Isso rolou mesmo?*

Pedrão- Não, isso com certeza não rolou, é boato. Mas que ele ficou completamente apaixonado pelo som do Pedrinho, isso é verdade. Ele era o cara que mais ficava lá no canto do palco assistindo a gente tocar. Na verdade ele ficava vendo o nosso show atrás do Pedrinho, vidrado, vibrando a cada "virada"! Quando a gente ia passar o som ele sempre estava presente e várias vezes ele sentava na bateria e pedia para o Pedrinho dar uns toques e mostrar umas "levadas" para ele. Ele deu uma porrada de baquetas para o Pedrinho, mas não teve esse lance de dar a bateria.

***pZ** – E o lance que a Rita Lee teria comprado uma parte do equipamento da banda do Alice Cooper?*

Pedrão – Me parece que após os shows, por problema de excesso de peso, a equipe do Alice Cooper achou melhor vender alguma coisa do que ter que pagar pra levar de volta. Foi um lance bom para todos os lados, comercialmente falando.

pZ- Você possui algum registro em áudio daqueles shows?

Pedrão - Infelizmente não. Mas a equipe do Alice gostou tanto da gente que eles gravaram todos os nossos shows! Eu me lembro perfeitamente que no último show que fizemos com o Alice, quando chegamos para passar o som os gringos estavam ouvindo os nossos tapes das noites anteriores! Ficamos impressionados com aquilo tudo e eles até falaram que dariam uma cópia daquele material para nós, mas acabamos nunca mais nos vendo. .Eles devem ter isso até hoje gravado e seria um sonho conseguir essas gravações históricas!

pZ- 30 anos depois muitas pessoas ainda se lembram dos shows de abertura do Som Nosso para o Alice Cooper, sendo que, em vários casos, o pessoal comenta: "O Som Nosso detonou!", ou mesmo "Só me lembro do show do Som Nosso, que foi demais, o do Alice Cooper eu nem lembro!" (risos)...É bom ouvir isso depois de tanto tempo não é?

Pedrão – É muito engraçado, eu nem gosto de falar muito sobre isso porque o pessoal pode achar arrogante da minha parte, mas não tem como fugir, são momentos que estarão para sempre no meu coração e na minha mente. Quem estava lá no show do Maracanãzinho, lembra muito bem que durante a terceira música do show do Alice Cooper, a galera começou a gritar "Som Nosso, Som Nosso". Começaram a bater o pé e as mãos gritando o nome da banda durante a apresentação do Alice! Sempre que eu falo disso, fico emocionado!

pZ- Mesmo sem poder utilizar a mesma potência de som da atração principal vocês mandaram muito bem naqueles shows, não é?

Pedrão – O curioso é que no primeiro show "oficial" no Rio, eles liberaram todo o som dos PA's para a gente, foi uma loucura, ficamos assustados! Vínhamos fazendo amizade com os gringos desde o primeiro show de São Paulo e não deu outra, arregaçamos pra valer, com a mesma potência de som que o Alice usava. Simplesmente quebramos tudo! Dava até para ouvir a respiração do Pedrinho tocando, eu nunca toquei na minha vida com um som tão bom! O gringo da equipe do Alice que estava na mesa de som olhava pra mim, levantava os dois polegares fazendo um sinal de positivo e a cada frase "mais complicada" que a gente soltava dos instrumentos ele gritava de alegria! No show seguinte, o som já foi "menor", não liberaram para a gente todo o equipamento. O pessoal da produção do Alice se assustou com a reação do público durante o show anterior e temiam que acontecesse o mesmo no próximo. Mas essa "censura" quanto ao som foi coisa da produção, os músicos estavam acima dessa melindragem toda!

pZ- E o que você anda fazendo atualmente?

Pedrão- Eu e o Egídio (que foi guitarrista do Som Nosso) recentemente achamos umas fitas com várias gravações dos shows do Som Nosso de 1975 e 1976. Resolvemos transformar esse material num disco duplo ao vivo que acabou de ser lançado pela gravadora Editio Princeps com o nome de *A Procura da Essência (Ao Vivo 1975-1976)*. Nesse disco estão os solos maravilhosos de bateria do Pedrinho, muito improviso e algumas passagens inéditas, um documento exato de como era o nosso show na época.
Também estou com a Mahabanda, que é um projeto que eu desenvolvi ao lado do guitarrista Rodrigo Roviralta. É um lance totalmente diferente do Som Nosso. A proposta do Rodrigo é muito boa, ele tem um lance meio Frank Zappa de cantar que é muito interessante. O CD da Mahabanda está pronto e estamos também lançando nosso clipe, que deve ir ao ar em breve

pZ- Pedrão, valeu pela entrevista e pelas sensacionais lembranças...

Pedrão – Queria agradecer a poeira Zine por essa oportunidade, e também dizer que estou totalmente à disposição e me sinto honrado e feliz em colaborar no que for necessário para firmar a boa música aqui no nosso Brasil. A música está sempre ocupando um papel diferente no Universo. Vamos prestar atenção no que ela realmente representa para nós e para quais caminhos que ela irá nos levar. Vamos crescer e nos renovar sempre! O músico não pode ficar preso num só estilo. Tem que ouvir a maior diversidade possível de estilos musicais. Estudar muito é importante, mas não podemos esquecer de que em certos momentos é importante fechar o livro, fechar os olhos e mandar bala! Faça o seu som. Chega de covers! O momento é de se pensar em algo novo. Vamos criar!

Pedro Baldanza *foi baixista da lendária banda Som Nosso de Cada Dia, e tem também em seu currículo trabalhos com os Novos Baianos, Walter Franco, Sá, Rodrix & Guarabira, Elis Regina, Zizi Possi, Gal Costa e Maha Banda.*

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock Progressivo Metal Psicodélico Anos 50, 60 e 70

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

Blackbird Music Shop

www.blackbird.com.br

CDs, DVDs e Livros

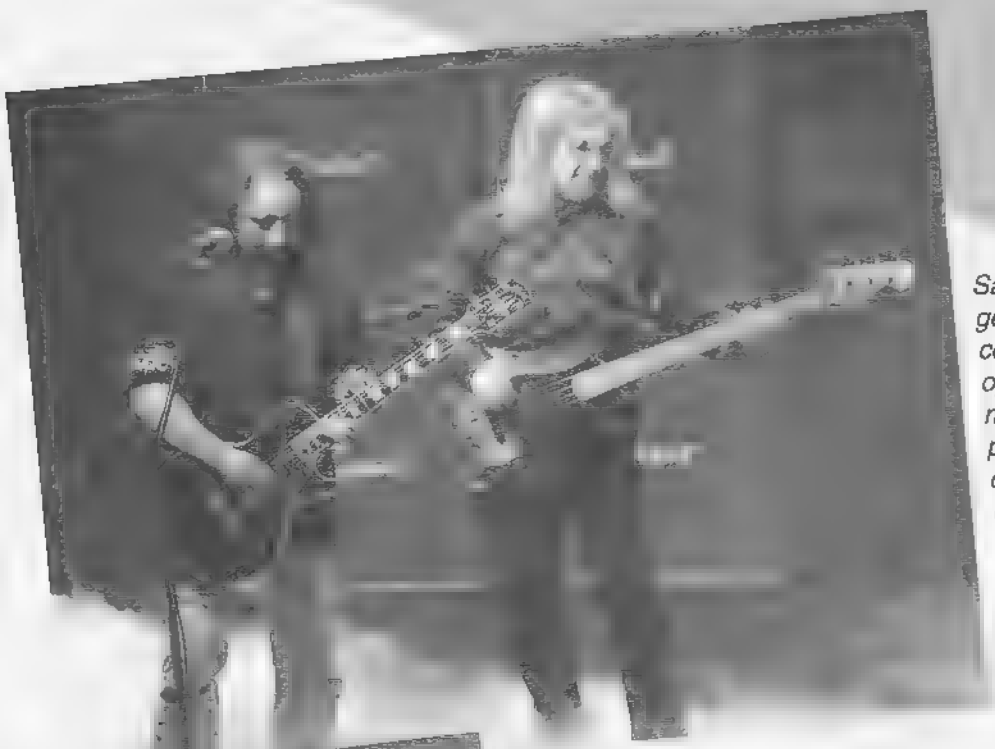
Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB

Telefax: 3141-9690

Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Uriah Heep - Voltando ao Brasil depois de oito anos

entrevista Mick Box e Trevor Bolder



Sabe aquele papo de que "a primeira vez a gente nunca esquece"? Até que faz um certo sentido. Desde garoto, quando decidi optar pela carreira jornalística, uma das minhas maiores vontades era bater um papo com meus ídolos e perguntar sobre coisas da vida em geral e sobre o dia-a-dia dos grandes grupos.

Um desses grandes grupos do Rock dos anos 70 é o Uriah Heep, que está prestes a completar 35 anos de estrada e aporta por aqui para mais uma série de shows.

A relação do Uriah Heep com o Brasil não é meramente "profissional". O webmaster oficial do grupo é brasileiro e o baixista Trevor Bolder anda gamadão em um contra-baixo fabricado aqui no Brasil (pela empresa D'alegria).

Esse webmaster é o Rodrigo Werneck, antigo colaborador da revista Musical Box e que foi o responsável por estreitar essa ponte entre a poeira Zine e Mick Box/Trevor Bolder.

Box é o único membro original da banda, foi fundador e participou de todas formações do Uriah Heep. Trevor é uma lenda das quatro cordas, tocou com David Bowie e com o Wishbone Ash e há um bom tempo vem influenciando baixistas de todo o mundo. Aqui estão essas duas feras (que foram entrevistadas separadamente), nessa que é a primeira entrevista internacional da poeira Zine.

Vai ser difícil esquecer...

Entrevista: Bento Araújo
Tradução: Rodrigo Werneck

MICK BOX

pZ - *Nas duas passagens anteriores pelo Brasil (em 1989 e 1996), o Uriah Heep tocou em casas de pequeno porte, com capacidade para, no máximo, 4000 pessoas. Desta vez será um mega festival num espaço imenso, e com várias outras bandas. Quais são as expectativas para os shows e onde a música da banda funciona melhor?*

Mick Box - Na verdade, a banda funciona bem nos dois ambientes pois nesses quase 35 anos de estrada já tocamos em estádios para 50 000 pessoas e em pequenos clubes para 200 pessoas. Sempre damos o máximo de nós, independente de haver apenas uma pessoa na platéia ou uma multidão. O que houve dessa vez de diferente das anteriores foi o convite para tocarmos nesse novo festival (Masters Open Air), o que muito nos orgulha. Fruto do trabalho do nosso "webmaster local", Rodrigo Werneck Iremos tocar em outras cidades, e aí o esquema será o mesmo das outras vezes, ou seja, locais para até 3.000 / 4.000 pessoas

pZ - *Nesse festival, o Uriah Heep dividirá o palco com vários grupos de Heavy Metal. Essas bandas acabam citando o Uriah Heep como uma de suas principais influências. Como é ser ainda uma referência para o som pesado depois de quase 35 anos de estrada?*

Box - A cena inglesa sempre foi importante para a criação e o desenvolvimento do rock pesado, seja no final dos anos 60 e início dos 70 ou novamente no início dos anos 80 Junto com o Led Zeppelin, o Black Sabbath e o Deep Purple, conseguimos criar algo realmente peculiar a partir das nossas influências. Embora o Uriah Heep sempre tenha sido meio que marginalizado pela imprensa em geral, os fãs, sejam eles músicos ou não, continuam a nos apoiar e a se influenciar pela nossa música nas suas carreiras e na vida em geral, e é por isso que continuamos tocando até hoje

pZ - *O estilo batizado de Metal Melódico é caracterizado por vocais afiados e agudos, letras sobre magos e dragões e capas de disco mirabolantes O Uriah Heep já trazia essas características em 1972, sendo apenas tratado como uma banda de Rock N' Roll Vocês se consideram os pais desse estilo de música? E da nova geração, quais as bandas preferidas de vocês?*

Box - Na época, diziam que nós éramos uma banda de heavy metal. Depois o termo passou a ser utilizado para bandas mais pesadas que surgiram nos anos 80, e passamos a ser categorizados como hard rock ou simplesmente rock. Isso não muda em nada o que pensamos, mas de qualquer maneira creio que junto ao Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath nós criamos um estilo musical. Quanto às bandas novas, não fazem muito a minha cabeça, prefiro ouvir bandas como Def Leppard e Iron Maiden Entre os guitarristas, meu preferido é (e sempre será) Jeff Beck.

pZ - *Vocês ficaram conhecidos como "uma banda que a crítica adorava odiar", sendo que na época do primeiro disco uma jornalista norte-americana chegou até mesmo a declarar que se vocês fizessem algum sucesso ela viria a se suicidar. Vocês têm notícia se essa coitada cumpriu a promessa (risos)?*

E até que ponto é bom não depender da crítica para vender discos e conseguir um verdadeiro exército de seguidores mundo afora?

Box - Essa jornalista se chamava Melissa Mills e escrevia para a revista "Rolling Stone". Até hoje as pessoas comentam sobre a frase infeliz dela e ninguém sabe o seu paradeiro, o que indica que talvez ela tenha sido obrigada a cumprir o prometido (risos). O Uriah Heep sempre foi uma banda execrada pelos críticos e amada pelos fãs. Nosso estilo sempre foi diferente do convencional, fruto da combinação das composições do Ken (Hensley) com os arranjos da banda como um todo, e quem arrisca sempre sabe que pode ser duramente criticado. O fato de estarmos na estrada há quase 35 anos prova que o nosso trabalho tem qualidade suficiente para angariar mais e mais fãs, e os nossos shows comprovam isso. Nós estamos numa posição atualmente na qual não dependemos de críticas positivas para vender discos ou ingressos para os nossos shows.

pZ - *A Internet faz com que a crítica especializada se torne cada vez menos necessária, já que a banda pode diretamente mostrar seu trabalho e seu ponto de vista aos fãs...*

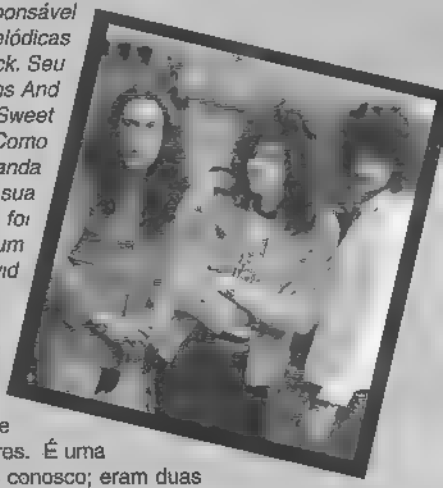
Box - Sim, exatamente. Fora o fato de que os críticos de música dos sites são, pelo menos no momento atual, menos comprometidos com todo o esquema montado por gravadoras e distribuidoras, de forma que as críticas são muito mais legítimas e consegue-se espaço para bandas de diferentes estilos e diferentes graus de sucesso, seja num mesmo site ou em sites diferentes. O fato de ser relativamente barato ter e manter um site faz com que haja muito mais opções para os fãs que buscam informação. E o fato do artista poder ter o seu site oficial faz com que os fãs possam entender exatamente o que está ocorrendo sob a sua visão, sem distorções.

pZ - *O Uriah Heep foi a primeira banda de Rock do Ocidente a tocar na Rússia, na ex-Tchecoslováquia e na Coréia do Sul em meados dos anos 80. Em Moscou foram 10 shows consecutivos no estádio olímpico, todos "sold out". Como foi esse período de desbravamento por esses países e quais as melhores lembranças desses históricos concertos?*

Box - Após os discos com Pete (Goalby, vocalista) e John (Sinclair, tecladista), passamos por momentos difíceis, chamados por muitos de "The Wilderness Years". Tivemos que, mais uma vez, reconstruir a banda para seguir em frente. Bernie (Shaw, vocal) e Phil (Lanzon, teclados) se juntaram a nós e começamos a buscar novos territórios para expandir nossos horizontes. Temos ótimas memórias de diversos momentos da nossa carreira, como por exemplo o primeiro disco de ouro ou o primeiro show para 20.000 pessoas, mas realmente esses shows na Rússia estão entre os momentos que mais valorizamos, pois além de terem sido um divisor de águas para o Uriah Heep, musical e comercialmente falando, foram como você citou um marco histórico pelo fato de nenhuma banda de rock ocidental ter se apresentado por lá antes.

Os fãs estavam loucos, nos sentimos na Beatlemania. Fomos para lá sem grandes expectativas, apesar do promotor ter garantido que tínhamos um enorme número de fãs por lá e que todos conheciam a nossa música. Nós não sabíamos muito bem o que esperar e o que aconteceu foi que quando chegamos lá tudo ocorreu exatamente do jeito que nos havia sido dito, 180 mil fãs alucinados! Simplesmente fantástico.

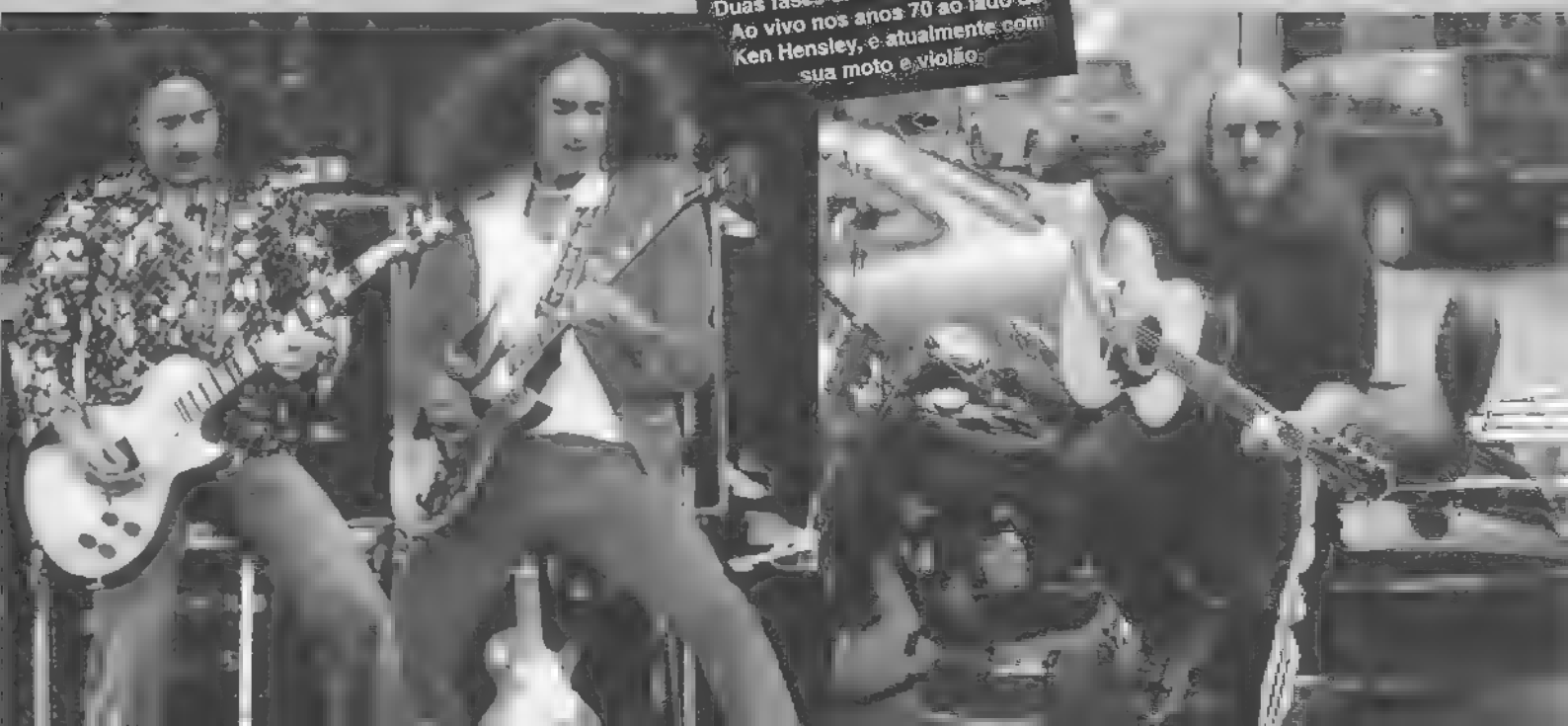
pZ – *O baixista Gary Thain foi responsável por uma das mais originais e melódicas linhas de baixo da história do Rock. Seu trabalho em álbuns como Demons And Wizards, Magician's Birthday e Sweet Freedom impressiona até hoje. Como foi o momento que Gary saiu da banda em fevereiro de 1975, e como sua morte afetou o grupo? E como foi também ter que abrir mão de um vocalista tão talentoso como David Byron?*



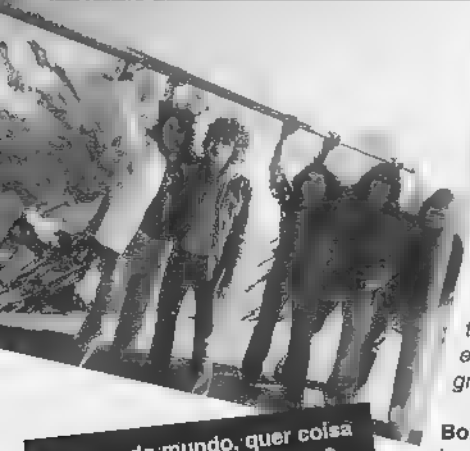
Box - Dentre as coisas ruins que ocorreram nesses anos todos de Uriah Heep, certamente as perdas de David (Byron, vocal) e Gary (Thain, baixo) foram as piores. É uma pena que eles não estejam mais conosco; eram duas pessoas extremamente talentosas, músicos extremamente talentosos e grandes amigos, e que simplesmente não conseguiram suportar as pressões da fama. A saída de Gary, assim como a de David um pouco depois, foi dolorosa mas teve que ocorrer, pois na época não podíamos parar, em nome do showbiz. De qualquer maneira, foi uma perda que nunca conseguimos superar, de certa forma. A banda hoje em dia é outra. Todas as formações foram e são especiais, mas aquela com Byron/Hensley/Box/Thain/Kerslake foi certamente a de maior sucesso.

pZ - *O disco Magician's Birthday é até hoje um dos favoritos dos fãs do grupo. Na época do lançamento do disco (novembro de 1972), muito se comentou que vocês chegaram a gravar mais de uma hora de material para entrar no álbum. Como na época do vinil o tempo total dos discos raramente ultrapassava os 45 minutos de duração, o trabalho inicial foi bastante reduzido. Por que a Bronze na época não bancou um disco duplo com material inédito, já que o disco acabou sendo um dos álbuns mais vendidos de 1973? Vocês pretendem lançar esse material algum dia?*

Box - Realmente algum material acabou não sendo utilizado na época, mas o que havia para ser lançado já saiu na caixa Time of Revelation ou como bonus tracks na própria versão remasterizada do Magician's Birthday.



Duas fases distintas de Mick Box: Ao vivo nos anos 70 ao lado de Ken Hensley, e atualmente com sua moto e violão



No topo do mundo, quer coisa mais anos 70 do que isso?

pZ - *Em 1976, para promover o lançamento do disco High And Mighty, a banda alugou um avião e convidou vários jornalistas e executivos da indústria fonográfica para junto do grupo pousarem no topo de um alpe suíço. Hoje em dia, essa tática soa um tanto exagerada. De quem eram essas idéias, da gravadora ou da banda?*

Box - Eram do nosso produtor na época, Gerry Bron, da Bronze Records. Gerry foi fundamental para o nosso sucesso, mas também contribuiu bastante para a nossa queda (e a dele próprio).

pZ - *Com essa formação que já dura 18 anos (de longe a mais estável da carreira do grupo), como estão sendo preparados os shows dessa tour pela América do Sul e o que os fãs brasileiros podem esperar do espetáculo? Teremos algum material novo e inédito no set list?*

Box - A nossa formação atual persiste por um motivo simples: nós adoramos o que fazemos e nos divertimos muito durante as turnês, no estúdio, ou simplesmente ensaiando e compondo. Todos na banda se envolvem 100% com o trabalho; nós entramos de corpo e alma em tudo. O sorriso que você vê nas nossas caras durante os shows é verdadeiro. Embora nós tenhamos já material composto para um novo disco, não temos tocado músicas novas pois estamos esperando o momento certo. Mas incluímos recentemente algumas músicas que não tocávamos há muito tempo em nossos shows. "Shadows of Grief", "Devil's Daughter", "Pilgrim", entre outras. E os nossos clássicos estão lá também: "The Wizard", "July Morning", "Easy Livin'", "Gypsy" e outras. Aguardamos com grande ansiedade esses shows no Brasil, pois já faz muito tempo que não visitamos o seu país. Temos ótimas memórias dos shows das primeiras visitas. Tanto o show no Masters Open Air Festival quanto os demais serão de tirar o fôlego, isso eu posso garantir!

Classic Heep Live From The Byron Era

O "pacote" já impressiona logo de cara! Um DVD duplo trazendo só a fase áurea do Heep (de 1972 até 1976) mais um livreto de 48 páginas é de causar um enfarto até no menos empolgado fã da banda! A fase mais comemorada do grupo é exatamente essa, com David Byron nos vocais! Então o lance foi revirar o baú, garimpar, restaurar, remasterizar e colocar tudo nessa atraente embalagem.

Está tudo lá, dividido em dois DVD's com som 5.1 Surround. No primeiro disco, temos apresentações históricas no Budokan de Tóquio, em 1973, onde o grupo mostra clássicos como "Sunrise", "Tears In My Eyes" e "Traveller In Time". Como a master original era em Super 8, é natural que o som e a imagem não estejam sincronizados em algumas passagens, o que é até comum em algumas montagens dessa época. Destaque para atuação do mestre Gary Thain, um baixista de primeira linha que nunca teve o reconhecimento merecido.

A seguir temos os dois programas apresentados pela série Don Kirshner's Rock Concert, programa de televisão bem popular dos anos 70 (que chegou até a ser exibido aqui no Brasil durante um período). A primeira aparição no RC foi em 1974, trazendo uma apresentação do grupo em Shepperton, e contando com "Love Machine", "So Tired", "The Easy Road", "Rock'n'Roll Medley", "Easy Livin'" e "Stealin'". Imperdível! Já a segunda aparição foi gravada em 1975, nos estúdios do Rock Concert, e com a formação Byron/Box/Hensley/Wetton/Kerslake. Desse programa rola "Return To Fantasy", "Easy Livin'", "Stealin'", "Prima Donna" e "Shady Lady". Detalhe: esse RC era bem mais difícil de se encontrar em VHS do aquele de 1974 e a imagem está com qualidade bem superior.

Já o segundo disco contém um material com qualidade inferior de imagem e som, mas quem se importa? Tudo começa com uma montagem bem bacana para a música "Can't Keep a Good Band Down", com cenas da tour do *High And Mighty*, de 1976! Aliás, um disco injustiçado e desprezado pela maioria dos fãs da banda (falou "Weep In Silence" nesse DVD!). Depois temos uma raríssima apresentação do grupo no Pink Pop Festival, na Holanda, em 1976. O Heep toca de dia e a céu aberto, desfilando temas como "Midnight", "Sweet Lorraine" e um solo de guitarra do Mick Box. Esse foi um dos últimos shows de Byron com o grupo!

Legal também são algumas entrevistas para a TV Australiana e Americana, e mais aparições no Top Of The Pops Inglês (dublando "The Wizard", em 1972), e uma "July Morning" dublada, também de 1972!

De quebra, o DVD ainda traz uma atuação do Rough Diamond, a banda que Byron montou ao lado do guitarrista Clem Clempson (ex-Bakerloo, Colosseum e Humble Pie), datada de 1977.

O DVD só pode ser adquirido pela Internet e pelo correio, sendo que somente 3000 cópias foram prensadas!

E então, o que você está esperando?

Rock Bottom

SITE ESPECIALIZADO EM VENDAS DE VHS E CD'S
(Atacado e Varejo)

- Classic Rock '70
- KISS
- Rock Nacional '70

Visite nosso site e adquira o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato

WWW.ROCKBOTTOM.COM.BR

www.aqualung.com.br

Aqualung
Records LTDA.
Audio e Video

HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70

Enviamos para todo o Brasil via correio

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284

Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 e-mail:aqualung@aqualung.com.br

So WHAT!?

CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2° andar
São Paulo/SP CEP 01041-000 Fone:
www.sowhatcd.com.br

TREVOR BOLDER

pZ - *Você viveu intensamente os anos dourados da cena Glam inglesa do começo dos anos 70. Como era ser músico nessa época e quais as melhores lembranças desse período em que você era um "Spider From Mars"?*

Trevor Bolder - Era algo bem diferente do que o que eu passei a fazer com o Heep, e brevemente também com o Wishbone Ash, a partir de 1976. Um tempo que certamente não voltará jamais. Hoje pode parecer um pouco embaraçoso vestir aquelas roupas, usar maquiagem e tal, mas na época era simplesmente algo natural no cenário musical inglês. Em termos musicais, a música que fazíamos com David Bowie era mais simples do que a do Heep, e atingimos grande sucesso naquela época: 6 LPs e 3 singles (compactos) no Top 10! E shows lotados para grandes arenas. Há alguns anos atrás nós trouxemos o Spiders de volta para um tributo ao Mick (Ronson, RIP), e foi interessante tocar todos aqueles clássicos novamente, para grandes públicos, junto ao Woody (Woodmansey, batenista original dos Spiders), Phil (Collen, guitarrista) e Joe (Elliott, vocalista), esses dois últimos do Def Leppard, mais o Dick Decent nos teclados.

pZ - *Quais as suas principais influências e o que fez você se tornar um baixista?*

Bolder - As minhas principais influências foram o Rock e o Blues dos cenários inglês e americano dos anos 50 e 60, e também as bandas e artistas que começaram na mesma época em que eu também estava iniciando. Não tenho um ou mais baixistas que tenham diretamente me influenciado e sempre procurei desenvolver um estilo próprio.

pZ - *O Uriah Heep sempre contou com grandes nomes nas quatro cordas como Gary Thain, John Wetton, Bob Daisley e você já há um bom tempo. De que forma você acha que o som do Uriah Heep pode atrair os jovens baixistas que estão começando a tocar e a ouvir Rock agora?*

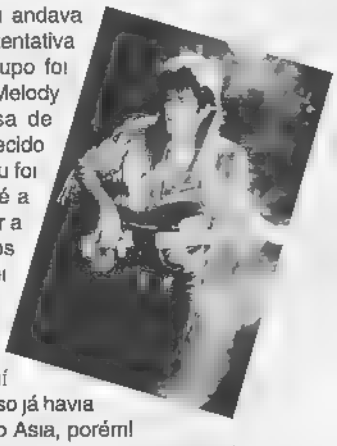
Bolder - O Uriah Heep tem uma tradição de bons baixistas e além desses que você citou não podemos nos esquecer do Mark Clarke e do Paul Newton. Embora o som do Heep não dê espaços para virtuosismos instrumentais por ser mais focado nas composições, há sempre bastante espaço para o baixo (e todos os instrumentos) ser ouvido, e dessa forma acho que a principal influência em novas gerações se dá justamente por esse foco nas composições e nos arranjos.

É comum que os fãs e músicos em geral venham me falar que foram influenciados por mim... e isso me deixa bastante lisonjeado, pois muitas vezes são músicos que tem uma técnica muito mais aprimorada do que a minha!

pZ - *Fale um pouco sobre seu equipamento atualmente.*

Bolder - Continuo fiel ao meu velho baixo Fender Precision, o qual uso desde 1974 (há 30 anos!), mas recentemente comecei a usar um D'Alegria Defender JB, fruto do endorsement fechado com a fábrica brasileira D'Alegria. O Rodrigo, da D'Alegria e nosso webmaster, esteve aqui em Londres no ano passado e se encontrou com o Mick (Box) e o Bernie (Shaw). Desde então acertamos alguns detalhes e eles nos enviaram um primeiro baixo, fantástico, que eu gostei logo de cara. Eu já experimentei vários instrumentos e tive propostas de endorsement de companhias como a Warwick, por exemplo, mas só agora me senti confortável para assumir um acordo desse tipo. O pessoal da D'Alegria está preparando um novo baixo para me entregar justamente na nossa passagem pelo Brasil agora em julho, e esse está sendo feito exatamente de acordo com as especificações que eu solicitei, contendo algumas modificações em relação ao primeiro baixo.

pZ - *É verdade que você abandonou o Uriah Heep e aceitou o convite para entrar no Wishbone Ash em 1981 porque o David Byron recusou um convite feito por você e Mick Box para trazê-lo de volta ao grupo? E como foi esse período com o Wishbone Ash?*



Bolder - Na época (início dos anos 80) eu andava bastante desanimado com o Uriah Heep, e a tentativa frustrada de trazer o David de volta ao grupo foi apenas a gota d'água. Eu vi um anúncio na "Melody Maker" que dizia: "Banda famosa precisa de baixista". Eu resolvi ligar para o número fornecido e descobrir do que se tratava. Quem atendeu foi o manager da banda. Eu perguntei: "Qual é a banda?". Ele retrucou: "Eu não posso revelar a não ser que você me diga quem é". Após alguma conversa acabei desistindo e falei quem eu era, então ele revelou que se tratava do Wishbone Ash e marcamos uma audição. Havia vários baixistas por lá, mas eles acabaram se decidindo por mim. Eu substituí mais uma vez o John Wetton, uma vez que isso já havia ocorrido no Heep. Eu não pretendo entrar no Asia, porém! Musicalmente, o período com o Wishbone foi muito bom pois eram todos grandes músicos. Durante os soundchecks, Andy (Powell, guitarra) iniciava um tema, Laurie (Wisefield, guitarra) o seguia, e nós tocávamos por horas... jams intermináveis. Disso eu sinto falta, pois o Heep não faz nada parecido. Mas o Mick ainda era um grande amigo e assim que ele me chamou para retornar ao Heep, eu não tive dúvidas de que era a melhor opção para mim.

VINYL CLUB

(41) 223-2763

RUA ÉBANO PEREIRA, 196 - LOJA 05

CURITIBA - PR

MEDUSA RECORDS

Raridades do Séc. XX

Lançamento Histórico:

LÍRIO DE VIDRO

Pérola perdida do Hard Rock paulistano do final dos anos 70

Atendemos todo o Brasil via correio

Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279 - São Paulo - SP

CD - DVD - LP

LIVROS REVISTAS

Compra Venda e Troca

PSICODÉLICO

HARD

PROGRESSIVO

JAZZ ROCK

HEAVY METAL

Fone/Fax:

(11) 223-9845

Pérola Escondida

Patto

Agora vocês vão ter que me aguentar!

Já que nunca li nada sobre o Patto na imprensa musical brasileira, me senti na obrigação de fazer uma seção "Pérola Escondida" especial com eles.

Fazia muito tempo que eu não "descobria" uma banda tão boa e interessante como o Patto!

Sabe aqueles casos em que você dá graças a Deus por essa ou aquela banda ter existido? Pois é, esse grupo inglês pode ser considerado uma das mais ousadas, honestas e perfeitas criações do rock...

Uma página seria muito pouco para um grupo desse calibre. Então resolvi contar um pouco mais a fundo a trajetória desses heróis esquecidos do Rock inglês.

Que tal uma banda que tem em suas fileiras quatro integrantes excepcionais, que mesclam todos conhecimentos musicais em favor de uma sonoridade até então inédita.

Essa sonoridade abrange desde riffs ganchudos até incursões ousadas pelo Jazz, mudanças bruscas no andamento, solos de guitarras memoráveis, solos de vibrafone (!), vocais cheios de feeling e, de quebra, uma generosa dose de bom humor.

Uma constante na trajetória desses rapazes é que nunca aconteceu nada na carreira deles, nunca estouraram, nunca emplacaram um hit, e até hoje muita gente ainda não dá a mínima aos seus excelentes três registros oficiais. Tinham uma reputação de "banda para músicos" na Inglaterra do começo dos anos 70, e a fama do grupo sempre ficou restrita aos clubes, onde seus admiradores não acreditavam como uma banda daquela não alcançava as grandes massas. Na America então, o reconhecimento nunca sequer existiu.

O Bo Street Runners era uma banda do norte de Londres que em 1964 ganhou um concurso de "novas revelações de bandas Beat" no famoso programa de TV Ready Steady Go! Todo esse alarde rendeu um contrato com a Decca, e o grupo se lançou numa tour pelos clubs de toda a ilha e até em alguns países da Europa. Quando estavam tocando em Norwich, trombaram com uma banda de abertura chamada The Breakaways, cujo vocalista era um tal de Michael Patrick (Patto) McGrath, que tinha simplesmente arrasado. O tecladista do Bo Street, encantado com os dotes do jovem vocalista, não vacila e o convida para assumir os vocais. Em 1965 Mike Patto estréia no Bo Street Runners cantando uma versão de "Drive My Car", dos Beatles, lançada em compacto pela Columbia.

Enquanto isso, um jovem guitarrista de apenas 16 anos vinha detonando nos palcos de Southport. Tocava com as bandas The Gunslingers, The Pawnees e também no Music Students (onde ele era o baterista!). Seu nome: Peter "Ollie" Halsall

Não demorou e o guitarrista foi "roubado" por um grupo de Londres - o Take 5, que tinha entre seus músicos o baixista Clive Griffiths e o batera John Halsey. Só que Ollie começaria tocando apenas vibrafone no Take 5, já que a banda tinha um guitarrista fixo. O grupo logo mudaria seu nome para Timebox e daria a Ollie um aval para assumir também as guitarras do conjunto.

Mike Patto estava então triste com o fim do Bo Street Runners, mas influenciado pelo estouro que estava sendo o Fleetwood Mac de Peter Green, resolve montar um combo chamado Chicago Line Blues Band, que trazia o ex-Pretty Things, e malucão de carteirinha, Viv Prince, na bateria, Louis Cennamo no baixo (que depois formaria o Renaissance ao lado de Keith Relf) e o ex-saxofonista dos Blue Flames, Mike Fellana.

Estava na cara que esse time de feras e malucos não ia se agüentar por muito tempo. O jeito foi Mike Patto lançar um single pela Columbia em 1966. O vocalista, a procura de uma nova banda, rodava o circuito de clubes de Londres participando do maior número de Jams possíveis. Numa bela noite, no Playboy Club, o Timebox (antigo Take 5) estava dando o seu show e no final fazem uma jam, no mínimo histórica, com Mike Patto nos vocais. Não deu outra, Ollie Halsall convida Patto para integrar o Timebox e assim estava formada uma das maiores duplas de frontmans da Inglaterra!

O Timebox assinou contrato com a Deram e lançou diversos compactos até 1969 (sem nunca obter um grande hit). Com a virada da década se aproximando, o jeito era tentar uma mudança radical. Primeiro mudam o nome da banda apenas para Patto e depois descolam um contrato com a Vertigo, uma nova criação da Philips, espécie de subsidiária que cuidaria das bandas mais progressivas, alternativas e pesadas (que não paravam de surgir na Inglaterra).

O Patto era formado por Mike Patto nos vocais (daí o nome para a banda), Peter "Ollie" Halsall nas guitarras, teclados, vibrafone e vocais, Clive Griffiths no baixo e vocais e John Halsey na bateria e percussão.

Tudo começava a melhorar para os rapazes, e com uma boa dose de confiança se trancam no Morgan Estúdios em Londres com o produtor Muff Winwood, irmão de Steve Winwood, e também um ex membro do Spencer Davis Group. De lá saem com um registro histórico, batizado simplorialmente de *Patto*, lançado oficialmente em dezembro de 1970. A capa num tom amarelo gritante e com um desenho bizarro não chega a comprometer o excelente nível musical apresentado. A produção "garageira" ainda deu ao disco um sabor todo especial, principalmente no som peculiar da bateria. O disco é maravilhoso do início ao fim, e fica difícil destacar alguma faixa. Todas as marcantes características da banda estão lá: os andamentos "quebrados", a sensacional guitarra e o vibrafone de Ollie, a voz triste, frustrada e forte de

Mike e mais a cozinha soberba de Clive Griffiths e John Halsey (basta conferir as faixas "Hold Me Back" e "Red Glow", onde a cozinha do Patto soa como se John Paul Jones estivesse tocando com Keith Moon). "Money Bag" é puro Free-Jazz em seus mais de 10 minutos de orgia instrumental Só ouvindo para saber o que os caras fazem nessa faixa! Palavras são inúteis para se esboçar um panorama! Ollie Halsall mata a pau, "fritando" frases insanas num estilo meio Zappa, meio Fripp, sem comentários! Ah, fazia apenas três anos que o cara tocava guitarra viu!

O disco serviu para colocar a banda na boca da rapaziada mais freak e antenada de Londres. Boas resenhas nos semanários musicais e execuções no conceituado programa da rádio BBC, "Top Gear" (apresentado por John Peel), davam um tímido impulso nessa fase inicial da banda.

Enquanto a banda vai promovendo sua estréia por toda a Inglaterra, Mike Patto (típico do vocalista gente fina, que adora fazer Jams com os amigos) participa de alguns projetos com seus amigos: um deles é o Centipede (com Keith Tippett) e outro é o Dick And The Firemen, ao lado de Tim Hinkley que tocava na banda de Hard, Jody Grind.

Ao final de 1971 o Patto traça novos métodos de criação e maiores cuidados são tomados quanto à produção do novo disco. Novamente escalam Muff Winwood e partem para os estúdios da Island, gravando tudo com mais calma, caprichando nos backing vocals e acertando as falhas da pré-produção nos overdubbs, ao invés da correria que havia sido o primeiro disco, gravado quase num único take!

Para a capa, o mestre Roger Dean é contratado e cria uma das capas mais malucas da história do Rock! O nome do disco: *Hold Your Fire*

Mas a banda não negava fogo nesse seu segundo trabalho! A linda e melancólica balada "You, You Point Your Finger" pode ser colocada como uma das melhores composições do quarteto. Assim como "Magic Door", bela, enigmática e com o curioso vibrafone ao fundo. Já a faixa título que abria o disco computava mais de oito minutos de puro groove setentista, somado a uma letra engraçada sobre um membro da contra-cultura.

Peter "Ollie" Halsall era um mestre das seis cordas! Dono de uma habilidade espantosa, o cara esmirilhava com pitadas mortíferas de Jazz nas suas frases absurdas. Um guitarrista maldito, injustamente nunca reconhecido pelo público. E posso afirmar sem medo: o cara tocava muito mais do que 99% desses guitarristas de hoje em dia! E até mesmo passava por cima de muitos grandes nomes superestimados da guitarra dos 70's, mas é melhor deixar pra lá .

Em *Hold Your Fire*, Ollie está em seu auge, brilhante, perfeito e virtuoso como nunca.

Se você curte guitarra, este tem que ser seu disco de cabeceira!

"See You At The Dance Tonight" poderia ser um simples "rockão" se não fosse o genial trabalho de piano e guitarra de Ollie, e o andamento, que está longe de ser apenas um 4X4 básico. Aliás, é incrível como essas mudanças de andamento eram executadas naturalmente pela banda, quase que como uma "telepatia musical" entre eles. A maneira como esses rapazes juntavam suas estrofes com as "pontes" e os solos é algo a ser estudado por um especialista. E o melhor de tudo: sempre são imprevisíveis e a cada audição surgem novos detalhes! Um exemplo disso é a faixa "Give It All Away".

O Jazz continua fazendo a cabeça da rapaziada (vide "Air Raid Shelter") e o disco rendeu mais uma série de bons temas para os históricos shows que a banda fazia nos clubes ingleses

Robert Fripp, do King Crimson fica boquiaberto com a guitarra de Ollie Halsall e dá um jeito de gravar um disco solo do seu novo guitar-hero pelo selo EG, de propriedade do próprio Fripp. A banda formada por Ollie para gravar este disco (que nunca foi lançado oficialmente) era batizada de Blue Traffs. Corria o ano de 1972 e o Patto agora abria as tours européias do Ten Years After Em outubro daquele mesmo ano é lançado (agora pela Island) o terceiro disco do grupo, com o interessante nome de *Roll 'Em, Smoke 'Em, Put Another Line Out* (você connece algum nome de disco mais junkie do que este?)

Roll 'Em... pode ser considerado o disco mais livre, negligente e até mesmo incorreto do Patto. Nele, Ollie resolve dar maior ênfase ao piano do que à guitarra (a primeira faixa, "Flat Footed Woman", já abre o jogo e demonstra a opção do músico pelo instrumento logo de cara). O humor bem britânico dos caras também aparece de forma mais marcante neste terceiro disco ("Mummy" e "Cap n' Pand the Attos" são hilárias), que foi produzido novamente por Muff Winwood e os rapazes da banda.

Com uma liberdade maior dentro do estúdio, o grupo experimenta mais com efeitos (reverb, eco) e cria mais um grande disco, diferente dos dois anteriores em vários aspectos.

Os fãs do grupo (quantos fãs do Patto existem por aí?) consideram esse *Roll 'Em* o mais fraco dos três registros oficiais da banda, talvez pelo fato de Ollie tocar mais piano e ter deixado a guitarra um pouco de lado (mas quando o cara pega a guitarra o resultado é de tirar o fôlego, exemplo disso: "Loud Green Song") É bom deixar claro, que esse disco não é o mais indicado para se iniciar na sonoridade do grupo, afinal de contas, alguém pode estranhar esse humor peculiar britânico.

A introdução no piano de "Turn Turtle" parecia ter saído de algum disco do Ten Years After, que naquele mesmo ano de 1972, lançou o perfeito *Rock N' Roll Music To The World*. Quem fez primeiro? Não sei...e nem importa.. as duas bandas tocaram juntas em digressões pela Europa nesses tempos...

CAPTAIN TRIPS

João Pacheco

Rock dos anos 60, 70, e 80

www.feirabeneditocalixto.com.br/ctrips.ht

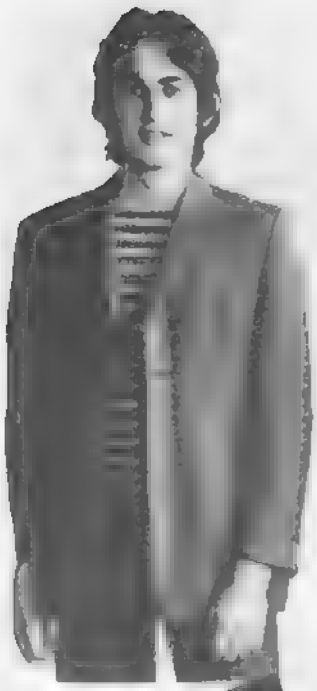
jmcpacheco@hotmail.com

CD's & LP's / Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs

Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros

(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP



Ollie Halsall: o Guitar Hero mais injustiçado do Rock

Sem sequer ter lançado nenhum compacto até a data, a gravadora resolveu soltar "Singing The Blues On Reds" com a maluca "Mummy" no lado B. Na América um DJ tocou esse lado B numa rádio e perdeu seu emprego, fato esse que o próprio Mike Patto sempre gostava de relembrar. Na América ainda fazem uma tour com Joe Cocker e a Island parecia investir mais nos rapazes do que sua gravadora anterior, a Vertigo.

Em 1973 mais algumas sessões de estúdio foram registradas e posteriormente elas acabaram virando o disco *Monkey's Bum*, também conhecido como *Patto 4*.

Para esse disco, o produtor Muff teve a idéia de prioriza as canções de Mike, que eram mais comerciais. O resultado não agradou em nada a Ollie, que abandonou o grupo bem no meio das gravações, com Mike chamando Mel Collins para completar o disco com solos de Sax (!) No meio dessa bagunça, a Island não quis lançar o disco pois o Patto havia "implodido" com a saída de Ollie, e a banda não sairia em tour para promover o disco

Monkey's Bum ficou inédito até 2002, quando a gravadora Akarma resolveu lançá-lo, porém com uma pobre qualidade sonora

Com o fim do grupo, Mike Patto se tornou um executivo da gravadora A&M e depois virou vocalista do Spooky Tooth (com quem gravou o disco *The Mirror*, de 1974) Ollie Halsall partiu para o Tempest, aquela cria do exímio batera John Hiseman (ex-Colosseum). Ollie substituiu ninguém menos que o Alian Holdsworth e gravou o melhor disco da banda, *Living In Fear*, de 1974, lançado pela Bronze Record's. O guitarrista também integrou o grupo-paródia The Ruttles durante um bom tempo.

Patto e Halsall viriam a se encontrar novamente no Boxer (outra bela pedida para esta seção), que lançou três discos na segunda metade dos anos 70. Além da genial dupla, um time de excelentes músicos também tocou no Boxer: Keith Ellis, Tony Newman, Tim Bogert e Chris Station

Depois do Boxer, uma série de tragédias começou a perseguir nossos heróis!

Mike Patto morreu de câncer na garganta em março de 1979. Deixou muitos amigos e era muito querido por músicos em geral. Chegou a reunir o Patto (a banda) em 1975, para um único show beneficiente, organizado às pressas para arrecadar fundos para a família de um antigo roadie morto numa viagem para a Índia

Ollie Halsall foi tocar com Kevin Ayers (ex-Soft Machine) e veio a falecer de um ataque cardíaco fulminante, causado por uma overdose, em Madrid, em 1992. Uma grande perda para o Rock e para a guitarra em geral Curioso que Ollie nunca fez questão de ser um guitar-hero. Sempre agradeceu seus dons musicais de outra maneira, encantando os mais curiosos com suas acrobacias melódicas e fulminantes

O baixista Clive Griffiths sofreu um acidente de carro que o deixou tetraplégico e sem nenhuma memória dos seus dias de músico.

O baterista John Halsey também estava naquele fatídico acidente automobilístico. Teve mais sorte, saiu ileso, abriu um pub e hoje toca somente em "ocasiões especiais"

Muitos definem o som do Patto como Rock Progressivo, mas eu prefiro não rotulá-lo. Hard-Jazz seria mais apropriado, mas como esse rótulo soa ridículo, o mais sensato é apenas ouvir as viagens desses malucos, deixando se levar pela excelente qualidade de seus discos. E pensar o seguinte: "Como uma banda dessa pode ser tão desconhecida?". .

E pare de reclamar! São somente três discos e que estão em catálogo, portanto, complete sua coleção o mais rápido possível Você não tem desculpas...

Espero que um dia o Patto seja uma daquelas bandas reconhecidas mundialmente! Qualidade e história eles já têm de sobra..

Eles fizeram a parte deles .
Eu acabei de fazer a minha .
Só falta você fazer a sua .
Conheça-os!

MÚSICA ERUDITA & ROCK PROGRESSIVO

por Jeferson Araújo Pereira

Fãs de Rock Progressivo geralmente são - em maior ou menor grau de fanatismo - fãs de musica erudita (barroca, clássica, romântica e contemporânea). Quando os grupos Yes e Genesis venderam suas almas para a indústria fonográfica (relembrando, "Owner of a Lonely Heart" e "Invisible Touch"), este que vos escreve "deu um tempo ao prog" e dedicou-se mais profundamente à música erudita.

Os geniais Bach, Beethoven e Mozart - o trio parada dura da música erudita - viveram em uma época que não havia sequer eletricidade. Portanto, eles não gravaram discos. Minha principal crítica à música erudita é uma questão muito polêmica: todos os terráqueos que não sabem ler partituras musicais são "dependentes" de maestros (também conhecidos como regentes) e orquestras sinfônicas. Tomemos como exemplo a Nona Sinfonia, de Beethoven. Acredito que pelo menos uns 485 maestros registraram (em vinil e/ou cd) essa sinfonia. O problema é que cada regente interpreta a partitura à sua maneira, temos diversas "versões" da Nona, interpretadas por diversos maestros e músicos de quase todos os países. Como Beethoven não gravou discos, não conhecemos a versão oficial dessa sinfonia. A questão torna-se complexa pois todo o mundo sabe que alguns maestros resolvem "inventar". Veja no próximo parágrafo, o principal trecho de uma entrevista belíssima publicada na revista VEJA (edição n 1694 - 4 de abril de 2001) com o maestro Kurt Masur, regente da Orquestra Filarmônica de Londres e da Orquestra Nacional da França.

VEJA – "Maestros como Arturo Toscanini foram totalmente fiéis às composições. Já o austríaco Herbert Von Karajan destroçava as partituras originais, enquanto o alemão Wilhelm Furtwängler quase reinventou Franz Schubert ao reger sua música. Qual sua opinião sobre esses diferentes estilos de regência?"

KURT MASUR – "Nunca reinvento. Estudo as peças cuidadosamente, tentando ressaltar as intenções dos compositores. Mas, claro, tenho personalidade, então há uma diferença natural. Mas eu não tenho de fazer algo para torná-la diferente. Não quero corrigir os compositores, e sim compreender a mensagem que eles queriam comunicar ao público. Esse é o nosso dever como maestros. Não podemos fazer mudanças achando que somos melhores. Em determinada época, Schumann era muito corrigido pelos maestros - eles mudavam aqui e ali. Isso é uma pena. Não deveria ser permitido. É um crime".

Não sinto necessidade de comentar essa entrevista pois concordo com todas as palavras de Kurt Masur. Conforme já informei, a questão é polêmica: eu precisaria de oito páginas da Poeira Zine para me aprofundar no tema. Mas se eu pedir oito páginas ao editor, ele irá me despedir (e eu não quero perder esse espaço). Sendo assim, registrarei apenas a maior idiotice que eu li nos últimos 30 anos ! ! Essa imbecilidade foi publicada em 1991, no "Guia Práticos Nova Cultural - CD - Clássicos & Jazz" (editora Nova Cultural). Bem, quase todo o mundo conhece "Bolero", a composição mais famosa de Maurice Ravel (1875-1937). Nesse guia de CD, na página 96, está a seguinte pérola: *"Ravel nunca foi bom regente; existem em catálogo muitas gravações do Bolero mais bem interpretadas que a sua"*.

Outra questão que precisa ser abordada é a de que grande parte do repertório erudito encontra-se completamente datado! Chutando o pau da barraca: Tchaikovski virou música pop de quinta categoria! Várias músicas do King Crimson e do Univers Zero são muito mais complexas do que a maioria das composições de Tchaikovski. Fica então a pergunta: por que os grupos King Crimson e Univers Zero - entre outros - não são "classificados" como música erudita? A resposta é simples. Os músicos dos grandes grupos de Rock Progressivo estão vivos. Para a mídia, para ser considerado um "clássico", infelizmente, é preciso estar morto. Como o processo de "diarréia cultural" da humanidade está se desenvolvendo na velocidade da luz (exemplo: Kurt Cobain - ex-Nirvana - é considerado um gênio musical por 99% da crítica mundial) este articulista defende a seguinte tese: daqui a uns 150 anos, mais precisamente em 2154 (estou acreditando que, no futuro, essa diarréia cultural irá diminuir) o Rock Progressivo será classificado como música erudita do século 20, isto porque em 2154, Keith Emerson, Rick Wakeman, Robert Fripp, Mike Oldfield, Daniel Denis, Chris Cutler, Larry Fast, entre outros, estarão (snif ...) mortos.

O mais interessante é que em 2154, qualquer pessoa que quiser conhecer sinfonias belíssimas como "Karn Evil 9", "Snow Goose" e "Tubular Bells" (o leitor pode imaginar outras) , não dependerá da "interpretação" de nenhum maestro: bastará apenas ouvir a gravação original em CD. OPS !! CD em 2154 ? Com certeza até 2154 o CD será substituído por outras tecnologias mais avançadas. Nós, fãs de prog-rock, somos pessoas privilegiadas e vanguardistas: estamos ouvindo os clássicos de 2154 desde 1967 ! ! Em 2154 é possível que as quatro músicas do álbum *Red Queen to Gryphon Three*, por exemplo, integrem o repertório de orquestras sinfônicas. Aí, a situação mudará completamente: qualquer pessoa poderá comparar a versão de uma orquestra sinfônica, com a gravação original do grupo Gryphon.

Sou otimista e desejo que em 2154 o rock, o jazz, a música erudita, enfim, a música em geral, seja feita apenas por músicos. Mas será que estou sonhando? É que hoje - julho de 2004 - DJs são considerados músicos, gravam "discos" (? !) e ... ganham muito dinheiro !

O tecladista Delboux, do prog-grupo Tau Ceti, escreveu uma réplica a este artigo de Jeferson Araújo Pereira. Ela pode ser acessada na íntegra no site. http://www.geocities.com/edelboux/erudita.html

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep.01041-000 - São Paulo - SP

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY DISCOS

http://www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Especializada em
Rock Progressivo e Hard-Prog

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro
Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

Tel/Fax: (21) 2551-1697

Rua Senador Vergueiro 216,
Loja 15, CEP: 22230-001
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

O BANDO DO VELHO JACK - A ENTREVISTA

por Marcos A. Cruz

Quem leu a edição passada da Poeira (como? você não têm?) se lembrará que nela há uma matéria falando sobre os discos essenciais para quem se interessa pelo Southern Rock, gênero surgido nos EUA na maravilhosa década de setenta (na opinião deste humilde escriba, época em que o "Rock Clássico" atingiu seu apogeu, considerando como tal o período compreendido entre 1967 e 1978) mas que se espalhou mundo afora, através do trabalho de bandas como The Allman Brothers Band, Lynyrd Skynyrd, ZZ Top e muitas outras.

No texto, dentre outras características que unam estas bandas, foi citado o fato de mesclarem as raízes regionais com o rock mais pesado, além de mostrarem sua garra principalmente no palco, onde sempre rolavam "duelos guitarrísticos" e releituras "nervosas" em concertos (como eram chamados os shows antigamente) de longa duração, recheados de jams infernais!

De dar água na boca, não? Pois é, e para quem acha que a solução seria encontrar uma máquina do tempo, que permitisse voltar aos anos setenta e vivenciar in loco aqueles momentos mágicos, uma dica: existem hoje, passadas quase três décadas, bandas que conseguem resgatar aqueles anos, em shows (quer dizer, concertos) que fazem old-rockers como eu chegar às lágrimas, literalmente falando...

Uma delas, aqui mesmo em nosso país, é o Bando do Velho Jack, que além de manter aquelas características citadas acima, ainda por cima vêm do Sul.. do Mato Grosso, e faz concertos com três ou quatro horas de duração, onde revisitam clássicos e pérolas perdidas no tempo desencavadas do fundo do baú – coisas como "Walk Away" (James Gang), "I'm Your Captain" (Grand Funk), "Magic Carpet Ride" (Steppenwolf), "All Right Now" (Free), "Jessica" (Allman Brothers) etc etc etc, além de composições próprias e adaptações de canções regionais do Mato Grosso, todas com uma veia setentista!

Para se ter uma idéia de como funcionam as coisas, eis uma frase lapidar dita em outra entrevista que em minha opinião resume bem o espírito do grupo: "No Rock, a influência é tudo. Não adianta querer inventá-lo, pois ele já foi criado. O que se deve fazer é tocar o que já existe com uma personalidade nova"

Infelizmente existe outra relação do Bando com as bandas de Southern, que costumam trazer no histórico mortes trágicas de integrantes, pois o vocalista original, Alex Batata, foi assassinado covardemente em 1997 e o autor do crime continua em liberdade.

No início de abril fui conferir mais um concerto do Bando, no Delta Blues Bar de Campinas (Mr. Bento esteve presente na apresentação do dia anterior no Blackmore em SP – e aí Bentão, gostou?) onde, entre umas cervas e outras, pude bater um papo meio rápido com Rodrigo Tozzette (vocal, guitarra, violão), Fábio "Corvo" Terra (vocal, guitarra, violão), Alex Cavalheri (teclados, vocal), Marcos Yaltouz (baixo, vocal) e João Bosco (bateria), que inclusive apresentaram ao vivo algumas canções do "Ao Vivo e Acústico no Som do Mato", CD e DVD lançado recentemente.

pZ: *Vou repetir a mesma pergunta que fiz para outra banda: vamos supor que minutos antes de subir ao palco, papeando no balcão de um bar, alguém dissesse que nunca ouviria falar no Bando, e pedisse para que vocês se descrevessem, o que responderiam?*

BVJ: Minutos antes de subir ao palco? Logo nessa hora? Caramba... acho que responderíamos assim, "Somos uma banda de rock que quer relembrar o estilo 70 de tocar seja nas músicas próprias, seja nas releituras efetuadas. Agora com licença que eu quero é TOCAR! Depois conversamos!"

pZ: *Existe uma mania de se referir ao Bando como sendo uma versão brazuca do Southern Rock americano, eu mesmo costumo fazê-lo; esta "aproximação" com o estilo ocorreu de forma natural ou foi algo no qual vocês investiram com objetivo de capitalizar as comparações?*

BVJ: Não foi nada proposital. Foi um processo natural e que nos deixou muito feliz. Nós ouvimos muito Southern Rock, mas nosso repertório não se restringe a apenas isso. Tocamos Cream, The Who, Free além de um grande trabalho próprio. Então esta "rotulagem" acabou vindo da forma com que executamos as músicas. Isso é o mais legal, pois tocar igual é fácil, mas tocar com uma personalidade própria sem comprometer é mais difícil. Mais legal ainda é que isso não é proposital, como já disse.

É um processo natural de transparência da nossa principal influência em tudo o que fazemos. É claro que aproveitamos este "rótulo" de uma forma positiva, afinal somos de Mato Grosso do "South" (risos).

pZ: *Qual o critério que vocês usam para escolher as releituras que fazem? Por exemplo, de onde surgiu a idéia do cover de "Não Fique Triste", do Peso? Já rolou de alguém aparecer com alguma idéia que tenha sido rejeitada pelos demais? Inclusive, no guestbook no site oficial, menciona-se que nem todos apoiaram inicialmente a realização do Acústico...*

BVJ: Tudo na banda é decidido de forma democrática, apesar de demandar algumas discussões mais exaltadas, mas nada que comprometa o bom andamento do trabalho. O Bosco, nosso batera, é um profundo conhecedor de 70's Rock, e sempre apresenta coisas do fundo do baú (Nota: para quem não sabe, ele foi integrante do Alta Tensão, banda de Heavy oitentista bastante conhecida naquela época). Daí vamos votando o que podemos, ou o que queremos tocar ou não. Além disso, ainda tem as sugestões de cada um da banda.

pZ: *Vamos supor que um dia surgisse um convite para o Bando se apresentar em algum programa de TV como o do Faustão, por exemplo, mas um dos pré-requisitos fosse que tocassem algum cover do U2 ou qualquer outra coisa totalmente fora do que fazem; teriam coragem de topar, só pela chance de mostrar seu trabalho para um público maior? Até que ponto a fidelidade às "raízes" e aos fãs que conquistaram poderia criar conflito com a ascensão ao sucesso mediante uma certa concessão para a mídia?*

BVJ: Com o nome BANDO DO VELHO JACK não faríamos isso em hipótese nenhuma. Poderíamos criar uma nova banda e fazer isso para nos promover como músicos, mas não como uma promoção do Bando, que é uma banda de classic rock e vai morrer assim.

pZ: *Com certeza vocês tocam em lugares aonde o público não deve ser tão "antenado" com as coisas que tiram do fundo do baú; me diga uma coisa, vocês sempre tocam estas pérolas perdidas no tempo ou há ocasiões em que tocam apenas coisas mais conhecidas da galera em geral?*

BVJ: Às vezes colocamos coisas mais conhecidas, principalmente quando os shows são feitos na rua em cidades do interior do MS . mas não deixamos de manter o estilo 70, afinal "Let It Be" dos Beatles ou "Hotel California" do Eagles todos conhecem... então mandamos músicas como essas, que não deixam de ser pérolas, além, é claro, do repertório próprio e das musicas regionais com arranjo rock.

pZ: *Mesmo assim, seus shows costumam durar entre três e quatro horas, como todos que tive o prazer de assistir até hoje? E como é a receptividade destas cidades pequenas onde tocam, o pessoal não acha vocês muito malucos?*

BVJ: Alguns acham, mas sempre rola legal, afinal todas as cidades, por menor que sejam, sempre tem os seus malucos amantes do rock (risos). Até os mais velhos acabam gostando, pois quando falam que é banda de rock, acham que é Heavy-Metal, aí quando ouvem o som acabam dançando..

pZ: *É possível ser feliz ganhando pouco e fazendo rock'n'roll no Brasil?*

BVJ: É tudo uma conseqüência... se você pretende ganhar muito, não vai ser feliz, mas querendo tocar porque realmente gosta do que faz, aí sim dá pra ser muito FELIZ tocando rock no Brasil, porém ganhando pouco!!! (risos).

PSICODELIA NORDESTINA DOS ANOS 70

por Rodrigo Piza

MAIS DE VINTE ANOS ANTES DO MANGUE BEAT UMA GERAÇÃO DE ROCKEIROS JÁ MERGULHAVA NO MELHOR DA CULTURA NORDESTINA CRIANDO UM SOM ÚNICO. MÚSICA EM ESTADO PURO.

A pequena turma era formada basicamente por pernambucanos. Zé Ramalho era paraibano, mas já andava por aquelas bandas com os doidões Lula Côrtes, Marconi Notaro, Lailson e Flaviola. Alceu Valença e Geraldo Azevedo não eram exatamente da mesma moçada, mas a piração era bem parecida.

Em 1972, Alceu e Geraldo lançam a pérola que seria o início do movimento que durou quase uma década. Ousaram misturar (não agüento mais essa palavra, ...agora pra ser bom tem que "misturar"...) o que havia de mais íntimo na música do nordeste com rock psicodélico, progressivo e uma pitada de samba. Tudo bem, Gil e Caetano, e depois os Novos Baianos, fizeram alguma coisa parecida, mas a grande diferença dessa nova turma era a sonoridade da viola sertaneja, das harmonias das entranhas do nordeste, daquelas que soam como um canto de lamento. Enquanto os baianos procuravam suas raízes no samba, e na bossa nova, a nova geração psicodélica soava mais rural, mais rapadura com cogumelo.

Nessa estréia é fácil distinguir as canções de Alceu (com muita influência de frevo, maracatu e baião) e as de Geraldo (mais melodiosas e doces) se alternando e se completando, o embrião do folk rock nordestino.Os arranjos e regência de Rogério Duprat dão um toque psicodélico e sofisticado ao mesmo tempo, coisa que ele já tinha feito muito nos anos de tropicália.

Alceu grava solo em 1974, o também incrível *Molhado de Suor*. As músicas são lindas e as letras inspiradas, profundas e bem humoradas. O frevo e o maracatu ficam um pouco de lado e dão lugar a melodias trabalhadas e uma produção rica com violões, percussão e cordas. Melodias trabalhadas mas muito longe do convencional, já ficava claro pra quem ouvia que era um estilo novo que havia nascido ali.

O primeiro trabalho de Geraldo acaba sendo lançado somente em 1977, um dos discos mais bonitos da história da MPB, daqueles para se ouvir com um nó no peito. Um clima rural, denso e lírico, quase que um Nick Drake brazuca. Obra prima.

Enquanto tudo isso acontecia Lula Côrtes e Lailson gravaram seu primeiro LP, o clássico obscuro (isso existe?) *Satwa*, lançado em 1973. Uma produção muito mais simples, com o som totalmente baseado (bota baseado nisso...) em violões, violas e cítara, 100% instrumental. Mais bicho grilo impossível, olha o nome das músicas: "alegro piradíssimo" ou "blue do cachorro muito louco" e a melhor, "valsa dos cogumelos".

Lula Côrtes volta à cena e dá mais do que uma mão (além de tocar ele desenhou a capa do disco) para Marconi Notaro na sua estréia, e, que eu saiba, seu único album, *Marconi Notaro no sub reino dos metazoários*.

Uma espécie de Otto, se o Otto soubesse cantar, tocar e compor, eles até são meio parecidos, esquisito...Esse disco já soa um pouco diferente, além dos sons climáticos e suaves ele é cheio de guitarras (aliás o guitarrista oficial desses albuns era Robertinho de Recife) percussão e momentos de puro rock psicodélico carregado de ritmos regionais. Tudo o que Lula fez sempre foi radical, totalmente autoral e muito distante da música pop. Provavelmente foi isso o que fez com que acabasse meio que sumido apesar de ser o guru dessa facção do pessoal.

Em 1975, é lançado o grande mito de toda essa história, o louquíssimo *Paêbirú*, de Lula e Zé Ramalho (que tinha debutado no disco de Marconi), não que ele seja melhor que os outros, mas é, sem dúvida, o que ficou mais famoso. Na verdade mais falado do que famoso. O clima de mantras com cítaras, percussão e guitarra viajante cria uma atmosfera impressionante e muito original somada ao lado sinistro de Zé Ramalho que dá um sabor especial. Diz a lenda que esse LP é sempre encontrado todo amassado porque teria havido uma enchente que alagou o depósito da gravadora e todas as cópias ficaram molhadas (pura lenda mesmo).

O ciclo de grandes álbuns com a participação de Lula se fecha em *Flaviola e o bando do sol*, de 1976, da mesma gravadora do *Paêbirú*, a Solar. O disco não é tão radical como seus antecessores, claro que pra quem não está acostumado ele soa estranho, mas por ser inteiro acústico apenas com violas, violões, baixo e flauta, acaba ficando um pouco menos "amedrontador".

Em 1977, foi a vez de Zé Ramalho conseguir uma gravadora grande (coisa que Alceu e Geraldo já tinham, a Som Livre) e se lançar ao grande público. Apesar de sua estréia estar longe dos padrões mais convencionais o disco agradou e emplacou "Avôhai" e "Chão de Giz" (devidamente assassinada por Elba Ramalho mais tarde). Poderia ter emplacado todas porque é fantástico do início ao fim. Temos que lembrar também que a mentalidade dessa época era bem diferente, o público estava um pouco acostumado a músicas mais ousadas e as gravadoras tinham coragem e vontade de sempre descobrir alguma coisa nova.

Outros ótimos artistas gravaram durante ou depois desse período seguindo mais ou menos essa linha, como Quinteto Violado, Ave Sangria, Xangai, Ednardo, a esquecida e fenomenal Cátia de França e o próprio Lula Côrtes...

Bom, fica pra próxima.

DISCO 7 (VINIL)

Compra e Venda

O Melhor da Música Brasileira dos Anos 60 e 70

Fones: (11) 3231-1193 / 9889-2860

Rua 7 de Abril, 176 - Sala 17 - 1º andar - Centro - São Paulo/SP

PHONO70 CDS

NOVOS E USADOS / COMPRA, TROCA E VENDA

Galeria do Rock - RUA 24 DE MAIO 62 / AV. SÃO JOÃO 439
LOJA 273 - TEL. (11) 3362-1079 - SÃO PAULO - SP

Seboland Compra e Venda

LP's e CD's Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

SEBOSSAURO Discos

Compra & Venda
Todos os Gêneros

Atendemos via correio para todo o Brasil

LP'S - CD'S - DVD'S - FITAS - REVISTAS - ETC.

Av. Rio das Pedras, 180 (Próximo ao Terminal Vl.Carrão)
São Paulo/SP - Cep:03452-000 - Fone: (11) 6785-5566 / 9850-2719

COLLECTORS Rock Fair

LPs - CDs - VHS - DVDs - Livros - Gibis

Importados - Raros - Fora de catálogo
compra - venda - troca

Camisetas - surf ware - skate e acessórios

Av. Jabaquara, 973, sobreloja - Pça da Árvore - São Paulo - SP

ROCKER TATTOO COMICS

CD's - LP's - VHS - Camisetas - Revistas - Gibis
Hard - Heavy - Classic Rock

Tatuagem
Piercing
Henna

Iguaçu Center
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480 - Lj. 112 - Centro - N. Iguaçu - RJ
Cep: 26220-060 / Telefax: (21) 2768-1009 / 9877-4097

Tudo Em Nome Do Rock & Roll

CONFEITARIA SÃO GABRIEL

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Rocks off Fone: (11) 3815-6736

CD's Nacionais e Importados - DVD's - Camisetas
Fitas VHS - ETC. e tal

Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

MUSEU DO VINIL

LP'S e CD's

telefones 5062 6387 / 6915 8456

Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

Laticínios Nossa Boca

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

FLOWERS

Cd's - VHS
DVD's
Nacionais e Importados
USA - EUROPE - JAPAN

Record's Brazil

Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal
Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop,
Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB

COMPRA - VENDA - TROCA

Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B. Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone:(0xx81)3231.5846
e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
http://www.flowersrecords.cjb.net/
Caixa Postal:1212 CEP:50060-040
Recife - PE

Å ßÅRÅTÅ

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE

5 ANOS! ROCK É ATITUDE!

Confira a coluna do Poeira em www.abarata.com.br/colunas/poeira

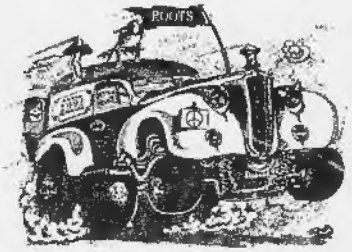
O mais completo site de Rock!

http://whiplash.net

ATUALIZADO DIARIAMENTE

Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

ROOTS RECORDS



www.rootsrecords.com.br

CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios

Entregamos para todo o Brasil

Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2° piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

CLASSIC ROCK

CD'S LP'S VIDEOS
Rua dos Andradas, 1444 - sala 31
GALERIA CHAVES
Fone/Fax: (0xx51) 3227.5911
Porto Alegre - RS - Brasil

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca

STONED DISCOS POA - RS

LP's / CD's / Vídeos / DVD's e Livros

Telentrega: Fone/Fax:
(51) 3225-5136

Rua Mal. Floriano Peixoto, 371
Porto Alegre - RS
stonedcd@terra.com.br

METAL

www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br

CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS

Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500

Atendemos pelo correio para todo o país

Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

Anuncie na

poeira Zine

A única publicação do Brasil
especializada na música
dos bons tempos!

(11) 9526-7947
contato@poeirazine.com
www.poeirazine.com

Dr. Rock

A serviço e apoio constante ao Rock

dr.rock@kbonet.com.br

Caixa Postal 2052 / Cep - 09220-790
Santo André - SP

HONK TONK

Instrumentos Musicais e Acessórios

- Usados com qualidade

ACEITAMOS SEU INSTRUMENTO COMO PARTE DE PAGAMENTO

- Raridades nacionais e importadas

- Facilitamos seu pagamento (cheque ou cartão)

tel. 11 3088 6060
fax. 11 3082 5182

Não deixe de nos consultar

Teodoro Sampaio, 884 - Pinheiros - S. Paulo SP

PATRULHA DO ESPAÇO

Centro Cultural SãoPaulo
Rua Vergueiro, 1000

Sexta 23 de julho 19 hs
Sábado 24 de julho 19 hs
Domingo 25 de julho 18 hs

Lançamento do novo CD
Missão na Área 13

visite o novo site
www.patrulhadoespaco.com.br

www.poeirazine.com

O melhor da música do melhor dos tempos agora on line

matérias exclusivas

textos inéditos que não pintaram na versão impressa
notícias do universo dos bons sons
fotos inéditas

participe

colabore com textos
poste suas mensagens
mande sugestões de pauta
cadastre-se on line

edições anteriores

acesse todas as edições da poeira Zine com extras

memorabilia

lp's raros, revistas da época, camisetas, etc.